

POLITIKA

FUNDO CEMAP
DK 16/127

Rio, de 19 a 25 de junho de 1972

Número 35 — Cr\$ 2,00



**Os homens
que o nazismo
fez feras**

CEMAP - HISTÓRICA
CLASS.

CONGLOMERADO, PONTO FINAL NO NACIONALISMO

**O retorno
da cultura às catacumbas**

**Um padre
morreu por amar
seu povo**

**Idealismo
que a opressão
não matou**



John Connally

A Editoria

O amigo da América Latina

John Connally está entre nós. Muito bem. Veio, ao que dizem as fontes oficiais da Casa Branca, para estudar, com os presidentes dos países latino-americanos, a criação de um novo sistema monetário internacional. E deitou falação, afirmando que o Brasil, por seu desenvolvimento, está com ingresso garantido no Grupo dos 20.

Muito bem. Aplausos para o ex-secretário de Tesouro de Nixon. No fim das contas, é comprovação de que a política desenvolvimentista ditada pelas autoridades monetárias do Brasil está surtindo os esperados resultados. É a prova de que caminhamos certo, mesmo que para isso seja necessário que, quase mensalmente, o ministro da Fazenda visite as nações desenvolvidas à busca de empréstimos e mais financiamentos.

Mas isto é outra história. O que importa, no momento, é saber-se quem é o emissário especial de Nixon. Ele sempre foi um homem de inteligência incontestável, tanto que quando ainda estudante de Direito tornou-se membro do Instituto dos Advogados dos Estados Unidos, honra dada, apenas, aos que se destacam, de maneira brilhante, nos estudos.

Depois de formado, John Connally tornou-se advogado das grandes empresas petrolíferas do Texas. Foi assessor de Lindon Johnson, quando este era deputado. A seguir incorporou-se à Marinha de Guerra, chegando a Capitão de Corveta. Voltou a trabalhar para o então senador Lindon Johnson, foi secretário da Marinha de John Kennedy e, por último, governador do Texas.

Quando da morte do presidente norte-americano, em 1963, ele fazia sua campanha para reeleição à governança de seu estado natal. Ferido no atentado a Kennedy, reelegeu-se com 72% dos votos, num recorde jamais estabelecido por outro candidato. Terminado o mandato, foi chamado por Nixon e aceitou o cargo de presidente do Conselho Assessor da Organização Executiva e, por fim, a indicação para a Secretaria de Tesouro.

Na administração Nixon, Connally divide com Kissinger o poderio do gover-

no. Foi o idealizador da política protecionista posta em prática em dezembro de 1971, com flagrante prejuízo para a América Latina. Nesta época, após a criação da sobretaxa de 10% sobre as importações, o ex-secretário de Tesouro dos Estados Unidos deu uma entrevista à revista *Business-Week*, na qual afirmou que os norte-americanos não tinham amigos na América Latina, razão pela qual não via o porquê das reclamações contra as medidas protecionistas preconizadas.

Vendo que tinha cometido uma *gafe*, desmentiu a entrevista, atribuindo ao jornalista a culpa pela distorção de suas palavras. É uma manobra muito nossa conhecida. Pois bem, todo mundo sabe que a América Latina representa uma boa quantidade de votos nos Estados Unidos, uma vez que o povo norte-americano é favorável à política de maior ajuda aos seus *irmãos-do-sul*, um tanto explorados pelos *irmãos-ricos-do norte*.

Mas, afinal, o que tem Connally com isto tudo? Simples, embora filiado ao Partido Democrata, ele sempre se mostrou, pelo que dizem os observadores internacionais, mais conservador do que liberal. Um real representante do estado do Texas: reacionário, *grosso* e cheio de preconceitos. E o grande sonho de Connally, hoje, é ser indicado para a vice-presidência de Nixon, nas próximas eleições.

Como pode? Simples, de novo: basta que ele se filie ao Partido Republicano, já que possui todas as *armas* para tal. É sua viagem à América Latina tem essa finalidade, *limpar a barra*, excessivamente suja por suas declarações contrárias aos povos latino-americanos.

Ora, a América Latina tem inúmeros problemas graves. Fome, miséria, desemprego, subalimentação, subnutrição, desgraças de toda ordem. Vocês não acham que nós merecemos um pouquinho mais de respeito? Fazer da miséria latino-americana o pretexto e a razão de ganhar mais alguns votos na convenção do Partido Republicano, convenhamos, é uma atitude bastante desonesta. Mesmo porque nós, latino-americanos, não somos de todo imbecis.

Agenda

- Rafael de Almeida Magalhães, que foi vice-governador do Sr. Carlos Lacerda e deputado federal, atualmente na presidência do Sindicato das Empresas de Seguros, prepara-se para assumir a presidência da Rio-Light. Seu pai, Dario de Almeida Magalhães, advogado da Light, deverá se aposentar dentro de pouco tempo. Rafa vai ocupar o lugar de Luís Galloti, que também se aposenta brevemente. A eleição se dará na próxima Assembléia Geral de Acionistas.

- A situação nas hostes arenistas gaúchas não é nada boa em decorrência das divergências, já agora evidentes, entre o atual governador Euclides Triches e o ex-governador Perachi Barcelos. O governador tem tentado por todos os meios e modos cortar as asas do presidente da ARENA, João Dentice, homem de confiança de Perachi Barcelos, pois pretende evitar que ele se fortaleça a tal ponto que venha a se tornar num transtorno na hora de sua substituição. João Dentice fez um levantamento completo da situação política no Rio Grande do Sul e acredita que o partido, apesar das dissensões, poderá ganhar a maioria das prefeituras, em novembro próximo.

- O governador Antônio Carlos Magalhães, da Bahia, feliz da vida por ter reatado o diálogo com o ministro Delfim Neto. As relações entre os dois estavam em curto circuito há algum tempo, e em decorrência disso o ministro da Fazenda procurou uma aproximação com o ex-governador Lomanto Júnior. Em Ilhéus, semana passada, quando da inauguração do Centro de Pesquisas da CEPLAC, Delfim e Antônio Carlos se encontraram e fizeram as pazes. Lomanto estava lá, como convidado especial de Delfim, pois é o líder incontestado dos cacauicultores. O governador e Lomanto apenas se cumprimentaram formalmente, pois são inimigos cordiais. Ernane Galveas e Nestor Jost se encarregaram da assistência diplomática a Lomanto, enquanto o governador baiano fazia os sa-

lamaleques ao ministro. De Ilhéus, a caravana seguiu para Salvador, onde o ministro foi homenageado com um banquete. A suprema realização de Antônio Carlos Magalhães foi o fato de Delfim Neto ter aceito o convite do governador e se hospedado em sua residência, recusando o agasalho do Hotel da Bahia. No dia seguinte, com um sorriso que ia de uma orelha a outra, o governador de todos os baianos anunciava: — um deus dormiu lá em casa.

- É uma tradição, no Brasil, a luta da segunda cidade de cada Estado para suplantear a capital. Algumas conseguem: Campina Grande, por exemplo. Outras, por mais que se desenvolvam, não vão lá: Mossoró, no Rio Grande do Norte; Juiz de Fora, em Minas; Feira de Santana, na Bahia. Todas muito importantes, mas sempre no segundo time.

No Paraná, Londrina também não superou Curitiba. Mas em uma coisa ela ganha tranqüila: na imprensa. Londrina tem, de longe, o melhor e mais importante jornal do Estado: a "Folha de Londrina". João Milanez, discreto e competente, faz de seu jornal o grande diário do Estado. E com excelente padrão jornalístico, que é assegurado sobretudo pelo talento profissional do redator-chefe, Walmor Macarini, colega do primeiro time.

- "Incapazes de nos comovermos, agora, diante de uma flor, vivendo a angústia da prêsse, emaranhados nas teias da futurologia e vítimas das modernas teorias da comunicação, esquecemos, pouco a pouco, nossa linguagem cotidiana e amena. Então, repentinamente, encontramos Nello Nuno". A frase é de Celina Ferreira, poetisa mineira, no catálogo da exposição de Nello Nuno, pintor com vários prêmios em salões oficiais e participação em exposições coletivas em São Paulo, Belo Horizonte e Brasília. Mora em Ouro Preto, inteiramente dedicado à sua arte. Dia 20 abre sua primeira exposição no Rio, às 21 horas, na Real Galeria de Arte (Visconde de Pirajá, 168). Vale a pena. Os trabalhos são excelentes.

Mury
Lydia

No setor industrial, a fusão é vista como a solução quando está em jogo o futuro de uma nação no mercado externo, mas cria casta super-privilegiada.

POLITIKA

3

ekonomia

CONGLOMERADOS



A empresa multinacional tem característica um pouco similar à do elefante. Pouca gente poderia definir o elefante, mas é fácil reconhecê-lo na rua. — A concentração de riqueza não-somente traz consigo grandes rendas pessoais, mas também confere a seus donos e delegados um poder de decisão desproporcionado nos assuntos econômicos, políticos e culturais. Com isso, podem traçar ou boicotar a política interna e externa de um país. — Não é a questão da propriedade de bens em si o que representa problema crucial. O que precisa ser compreendido é o fator de controle geral que a propriedade concentrada confere ao seu detentor. Em virtude do poder e força que lhes são outorgados pelos bens concentrados e combinados, os grandes proprietários e seus administradores, assalariados, se tornam senhores de uma voz quase sempre decisiva na gestão econômica, controlam os partidos políticos e seus candidatos e influenciam ou até mesmo determinam a política nacional em todos os seus escalões. Os títulos de propriedade, reforçados e multiplicados com controle de bancos e companhias de seguros, são os bilhetes de entrada. — Muito mais da metade da produção manufatureira do mundo ocidental é produzida em fábricas que empregam menos de quinhentos operários. Nada parece indicar que o maior tamanho é sempre acompanhado de preços e custos menores.

A RIQUEZA NAS MÃOS DE POUCOS

As empresas multinacionais têm características um tanto similares às dos elefantes. Poucos poderiam defini-los, mas os reconheceriam na rua.

A RIQUEZA NAS MÃOS DE POUCOS

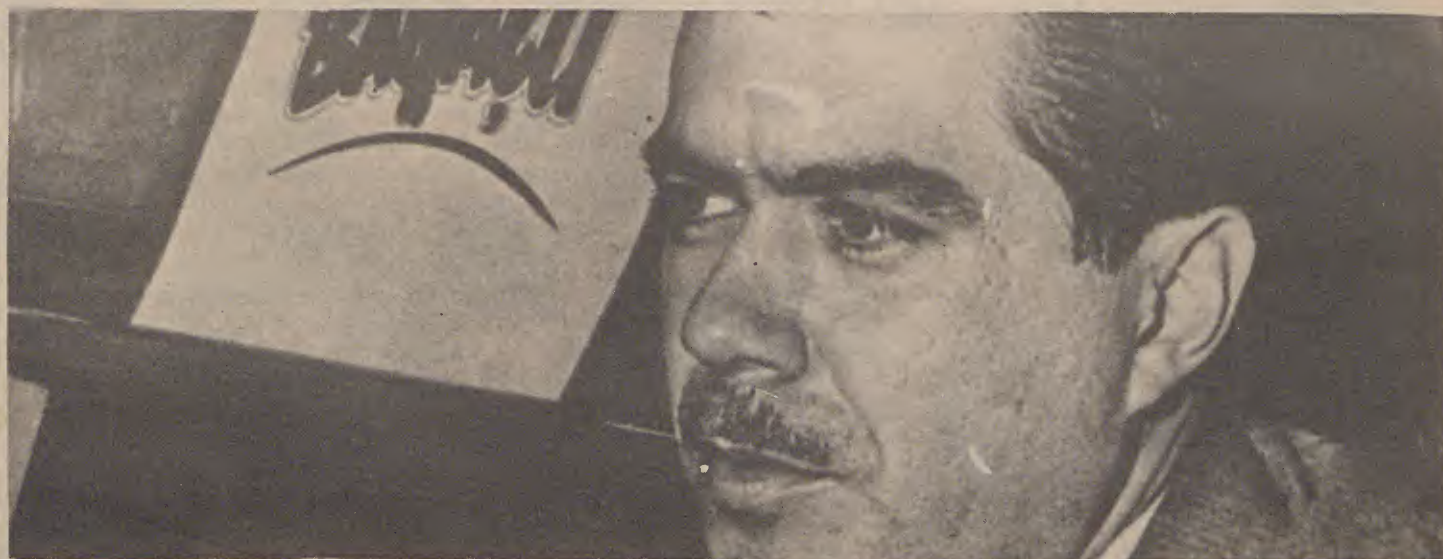
Somente políticas defensivas, no mercado externo, admitem os conglomerados como solução econômica viável

O senador maranhense José Sarney tem sérias restrições à política de conglomerados. E para denunciá-la, utilizou-se das prerrogativas de seu mandato, num discurso que proferiu no Senado Federal e que foi publicado no **Diário do Congresso** de 23 de maio último. Sarney acredita que "na visão global dos conceitos sobre o tema das fusões, incorporações e conglomerados, verifica-se que os altos objetivos que levaram o governo ao seu incentivo foram os de redução de custos, concorrência internacional e modernização, com a melhoria de rotinas e a oferta de serviços bons e diversificados".

Crê, sobretudo, que o assunto deve ser analisado sob dois ângulos distintos. O primeiro, "no que se refere às intenções perseguidas" e o segundo, "sob o aspecto político da medida, que é o que mais me preocupa e que motiva este pronunciamento. É evidente que os conglomerados estão em moda no Japão e na Europa Ocidental. Nestes lugares, sua criação foi determinada por fatores peculiares". E fala das características: "na Europa, pela necessidade de defender-se da invasão norte-americana e no Japão, para que este enfrente os mercados mundiais, uma vez que sua economia está voltada para o setor externo".

São políticas evidentemente defensivas e em ambos os casos o fenômeno nasceu numa economia de tecnologia altamente desenvolvida e de classes sociais perfeitamente formadas. E ao paralelo com o Brasil, o senador arenista diz que somos um país "cuja economia, em seu modelo perseguido com sucesso, está crescendo baseada no setor interno, um país ainda em formação, todos os setores abertos ao gênio nacional. Antes de defendermos da colonização tecnológica, temos que conquistar a grande potencialidade do mercado nacional". O que, de fato, é a pura realidade, a verdade ditada pelas autoridades governamentais.

Mas o senador José Sarney vai adiante. E afirma que não estamos, como a Europa, no fim de um ciclo econômico, nem como o Japão, angustiado pelo espaço e na dependência dos suprimentos de matéria-



José Sarney

As fusões não são um imperativo

prima. Ao contrário, estamos no princípio de uma grande aventura, para ser um dos grandes países do mundo e com vastas áreas do nosso território "à espera da conquista e do desenvolvimento". Mas o importante, o que levou o senador arenista a estranhar da política de conglomerados, é que, mesmo na Europa e no Japão, as maiores decisões em fusão foram, sempre, encaminhadas para o setor industrial, nunca o financeiro.

Para melhor desenvolver sua tese, o representante do Maranhão se utiliza de exemplos técnicos e afirma: "ao se desencadear o processo de fusões, dizem os **experts** que no setor bancário não chegaremos a mais de cinco estabelecimentos. Por outro lado, parece que não é pacífica a afirmativa de que a redução de custos, o gigantismo e a tendência mundial levem ao estuário das super-empresas. O ministro Eugênio Gudin, citando o professor Jewkes, da Universidade de Oxford, contesta o fato e diz: **muito mais da metade da produção manufatureira do mundo ocidental é produzida em fábricas que empregam menos de quinhentos operários**".

E o que representa isto? Apenas que **nada parece indicar que o maior tamanho é sempre acompanhado de preços e custos menores.**

O que é plenamente corroborado pelo economista J.Viner que, ao tratar do assunto, afirma categórico: **size is not a working substitute for efficiency.** No Brasil, não é outra a experiência. O diretor de uma poderosa organização bancária nacional, como encargo de algumas fusões, confessa desolado que "a fusão de bancos é um processo que envolve custos elevados e que, na maioria das vezes, a curto e médio prazos não torna mais eficiente o novo banco que dele resulta" (Olavo Setubal).

O senador José Sarney prossegue e afirma que "verifica-se, pelas declarações de homens do próprio setor, que a melhoria de serviços e a baixa dos custos é matéria controvertida nos resultados obtidos pela fusão. Desejo fixar, desta maneira, que as melhores intenções das autoridades ao estimular as fusões, na prática não foram confirmadas". E a análise volta-se ao setor de exportações, onde o representante do Estado do Maranhão vê a necessidade de uma tomada de posição mais agressiva e motivações particulares. E explica sua posição dizendo que os demais países, voltados para a exportação, encontram-se solidários entre si.

Esta solidariedade não é só externa, é, principalmente, interna, com vistas a assegurar a concorrência nos mercados e, assim, manter, sob qualquer preço, seus índices de crescimento. Diz o ministro do Planejamento que a fusão é necessária para que a empresa nacional enfrente a empresa estrangeira. Acontece que na opinião do ministro, Roberto Campos, para este setor, a solução é justamente não a empresa nacional, mas a internacional que as fusões favorecem. E assim a define na Associação Comercial de São Paulo: **a empresa multinacional tem característica um pouco similar à do elefante. Pouca gente poderia definir um elefante, mas é fácil reconhecê-lo na rua.**

Em seguida, o senador apresenta algumas das características desse tipo de empresa, determinados por Roberto Campos no **Diário de São Paulo**: **(1) por praticar comércio internacional; ser internacional, desenvolver o comércio internacional e ter sua fonte de recursos também no setor internacional; gerência multinacional e estratégia global com menor ênfase sobre sua origem e conteúdo nacional.** E prossegue, ainda citando o ex-ministro do Planejamento, ao afirmar que "esse tipo de empresa carrega para o comércio internacional cerca de 240 bilhões de dólares por ano."



A RIQUEZA NAS MÃOS DE POUCOS

Os conglomerados negam todas as intenções da melhoria na distribuição de rendas, pois fazem de seus proprietários os donos absolutos do poder.

POLITIKA

5

ekonomia

No Brasil, onde é total o dirigismo, não há problemas para a exportação

Ora, assim parece haver um desencontro entre as intenções e a realidade. "A política é no sentido de apoiar a empresa nacional, uma vez que ainda não ganhamos a suficiente força empresarial interna para partir com vistas à grande aventura de enfrentar os monopólios internacionais em suas tocas, mas essa ajuda, para ser eficiente, tem de impor à empresa nacional a perda de sua característica aborígene". E considera, no nosso caso específico, justo o apoio dado a criar condições de competição internacional, "pois em outros países essa competição só é possível com a formação de conglomerados, em face do fraco intervencionismo estatal, que apenas ordena a economia sem nela interferir".

O senador José Sarney afirma, logo depois, que "no Brasil o dirigismo é total e o Estado dispõe de instrumentos poderosos, imediatos e precisos para dar condições ao exportador brasileiro de enfrentar o mercado internacional. Graças a essa modalidade, o setor de exportação é um dos que mais cresce e o país dispõe, no exterior, de reservas superiores a um bilhão e meio de dólares. Assim, o grande conglomerado que o Brasil dispõe para enfrentar o comércio internacional é o próprio Brasil, mobilizado e conscientizado para essa tarefa".

Não desejando condenar os novos tipos de empresas multinacionais, o senador diz que precisa "afirmar a certeza de que elas devem vir como uma solução natural do crescimento do país e não como soluções artificiais, criadas pelo Estado, forçando concentrações de renda, o que seria, para os escolhidos, como um **bolão** fabuloso da Loteria Esportiva. Seria também uma avassaladora bola de neve plantada à custa dos incentivos. É claro que a empresa **holding**, resultante dos conglomerados, tem, na prática, uma função financeira. O seu capital é formado com reavaliações fora dos índices da correção e sem tributação. E as futuras empresas por elas incorporadas não seriam pagas em dinheiro e sim em suas próprias

ações, com liquidez, no mercado, em face do seu gigantismo".

E não se esqueceu da redução dos custos: "não devemos olvidar que não é somente o gigantismo o remédio. O setor financeiro, por exemplo, tem apresentado lucros extraordinários que asseguram salários fabulosos a seus executivos, como também a facilidade de fortunas. Há poucos dias, um jovem banqueiro afirmava ter amealhado um patrimônio nominal de 10 milhões de dólares e comercial da ordem de 30 milhões de dólares, em mais de uma década, o que mostra que esse setor, para redução de juros, precisa também da redução de lucros". Ao citar **A Study in the Power of Money Today**, de Ferdinand Lundberg, dá o seguinte exemplo, sobre dez milhões de dólares:

Só existe a riqueza concentrada

Um americano prudente, trabalhador, temente a Deus e amante do lar, que conseguisse economizar cem mil dólares — seiscientos mil cruzeiros — depois de pagar todos os impostos e descontar todas as despesas, necessitaria de um século inteiro para acumular dez milhões. E transporta o exemplo ao Brasil: um ministro do Supremo Tribunal ou um Oficial General, para conseguir tal soma, precisaria, economizando a metade de seus salários anuais, viver e trabalhar mil e duzentos anos.

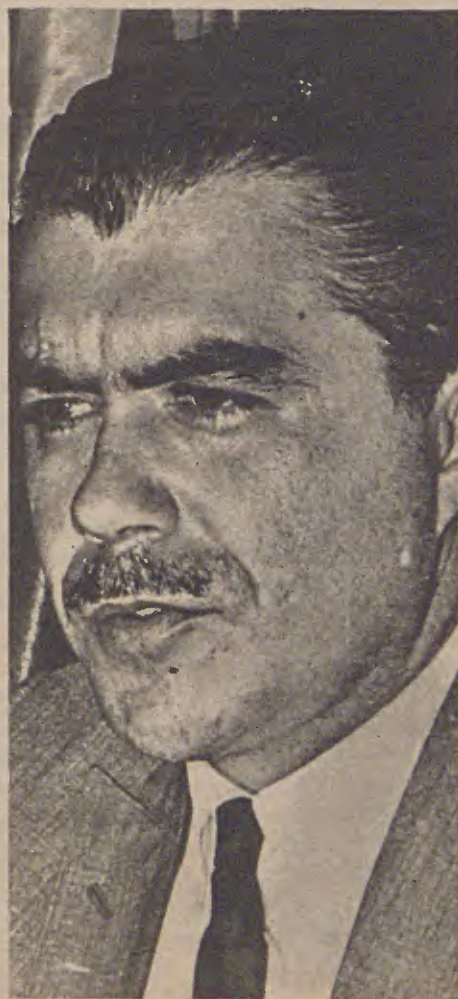
Esses aspectos econômicos, contudo, não são os que mais preocupam ao senador José Sarney. Ele vê, com ceticismo, a questão política. Da seguinte maneira: "a política da Revolução tem como base uma melhor distribuição de renda nacional e o presidente Medici tem, na integração, um dos pontos marcantes do seu governo. O estímulo à formação de grandes conglomerados importa na negação desses dois postulados". E explica: "sabe-se que empresas gigantes importam em

grandes concentrações de renda e os detentores destas têm o poder de aplicá-las até quanto, como e quando, de acordo com seus interesses peculiares".

E o que é que isto ocasiona? Fácil de ver: "a concentração de renda trás, em seu bojo, um instrumento de poder. Esse poder, pela sua flexibilidade de atuação e pela ausência dos seus compromissos com as razões do Estado, pode atingir até o domínio da estrutura política da nação, induzindo decisões de acordo com a projeção dos seus interesses. E vai aqui, dessa constatação, a evidência de um perigo latente — a desarticulação da política global de desenvolvimento e o desenvolvimento econômico voltado para a nação como um todo orgânico".

As superempresas — no caso do setor bancário, a previsão é de ficar apenas cinco bancos — têm grande massa de poupança da coletividade, e considerando-se que a poupança só se verifica em regiões onde a renda é melhor distribuída, "obviamente será nessas regiões que elas se tornarão mais poderosas. Ademais, sendo essas regiões pólos de desenvolvimento é aí que elas encontram oportunidade mais atrativa de aplicação das poupanças que detêm. E a política de integração nacional deseja o país desenvolvido como um todo e pretende diminuir as desigualdades regionais".

Logo, afirma o senador arenista, "a concentração de rendas através das superempresas vai aumentar as desigualdades regionais. As minguiadas agências desses conglomerados financeiros no Nordeste ou na Amazônia servirão, apenas, de um canal de evasão de dinheiro, como já estão sendo. Assim, a abertura de novas agências não será, naquelas áreas, considerada de interesse para seus objetivos. As vantagens de serviços e de apoio técnico para desencadear a empresa moderna não serão deflagradas naquelas regiões, porque os interesses dos conglomerados não são os da integração nacional mas sim o lucro dos seus negócios".



A formação de monopólio leva à exacerbação das diferenças na distribuição de renda, de classe e regional, além dos graves problemas políticos.

A RIQUEZA NAS MÃOS DE POUCOS

A super-empresa financeira compromete o futuro do país

O terreno ocupado pelas empresas detentoras exclusivas do mercado não permitirá o surgimento de novas, nem as regiões terão força econômica para fazê-lo. Os conglomerados financeiros, além de permissionários de serviço público, serão monopolistas no setor. "Levantou-se o argumento de que, sendo menor o número de empresas, seria mais fácil a fiscalização. O meu ponto de vista é que, sendo menor o número de empresas, mais fácil é o desenvolvimento. Eles serão tão poderosos que ninguém poderá enfrentá-los. Exigirá a existência permanente de um estado forte para contrabalançar sua força e seu poderio econômico".

Essa política, essa maneira de agir, faz com que o senador José Sarney veja os conglomerados como "uma política contrária aos objetivos de democratização. Seria, a permitir o livre jogo democrático, a licitude dos grupos de pressão dentro da dinâmica social, a desigualdade da existência, de saída, de grupos fortes que dominariam totalmente o poder. É de ressaltar, ainda, que o Brasil é um país em formação, suas classes sociais não estão perfeitamente definidas, de uma grande mobilidade, sem estratificação de situações. Permitir e incentivar a super-empresa financeira, neste instante, é estabelecer privilégios e, até mesmo, comprometer o futuro".

Evidenciando que essa política é contrária aos designios do governo, quanto ao desenvolvimento global e harmônico do país, o senador da Arena afirma que "a exacerbação do poder econômico pode conduzir até à crise na Federação; o escopo de Federação deve ser sustentado pelo poder central, mas se o poder central tem, para confrontá-lo, o aumento de poder de organismos econômicos particulares, ele, o poder central, deixa de ser real para se tornar apenas nominal, porquanto o poder real será exercido pelas poderosas organizações econômico-financeiras. Para evitar essas distorções, os países democráticos criaram mecanismos de defesa".

Em seu livro **The Rich & Super Rich**, Ferdinand Lundberg afirma que: **a concentração de riqueza não somente traz consigo grandes ren-**

das pessoais mas também confere a seus donos e delegados um poder de decisão desproporcionado nos assuntos econômicos, políticos e culturais. Com isso, podem traçar ou boicotar a política interna e externa do país. E adiante esclarece: Não é a questão da propriedade dos bens em si que representa o problema crucial. O que precisa ser compreendido é o fator de controle geral que a propriedade concentrada confere ao seu detentor. Em virtude do poder e força que lhes são outorgados pelos bens concentrados e combinados, os grandes proprietários e seus administradores, assalariados, se tornam senhores de uma voz quase sempre decisiva na gestão econômica, controlam os partidos e seus candidatos, e influenciam, ou até mesmo determinam a política nacional em todos os seus escalões. Os títulos de propriedade, reforçados e multiplicados com controle de bancos e companhias de seguro, são os bilhetes de entrada.

Nos países altamente desenvolvidos, esse problema foi terrível. Nos Estados Unidos, a luta permanente contra esses abusos é diária e, mesmo assim, ainda muitos procuram ver a inocuidade dessa luta. Pensemos o que pode acontecer, no Brasil, onde a legislação e a aplicação delas não passou de formulações empíricas. Sabe-se que o maior inimigo "doutrinário do capitalismo é a distorção da livre concorrência, pela formação de monopólios que subvertem totalmente, de maneira arbitrária, a lei da oferta e da procura".

E graças a mecanismos intervencionistas, foi possível afastar, nas sociedades livres, as distorções que, inevitavelmente, tornariam o capitalismo "algo absolutamente injusto. A humanização do capitalismo, sua função social no mundo é sem dúvida um dos alicerces da liberdade. Acredito que, sem quebra do ritmo de formação da grande empresa nacional, os interesses do nosso modelo de desenvolvimento justificam a diversificação cada vez maior dos controles empresariais, possibilitando, sem dúvida, pela concorrência, uma melhoria tecnológica e a existência de preços competitivos. Em



Se o empresário desejar ser o governo, fatalmente será

grande parte, hoje, o ponto de estrangulamento para reduzir custos é a falta de recursos materiais para aumento de produtividade e a escassez de recursos humanos".

Num país de dimensões continentais como o Brasil e com uma área industrial nitidamente concentrada, estimular a fusão de complexos financeiros levará, realmente, esses gigantes a uma situação de força no mercado que pode até incluir o estabelecimento de mecanismos de preços arbitrários e desestímulos tecnológicos incompatíveis com a necessidade do desenvolvimento nacional. "Isto sem falar de que as pequenas e médias empresas ficarão a reboque, na dependência dos monopólios financeiros. Então, se me afigura uma contradição entre a política do presidente Medici e os interesses dos conglomerados. No primeiro, o interesse é o da nação e no segundo, o interesse é o lucro".

Acontece que num país como o Brasil, onde ainda não existe a super-empresa, em qualquer ramo que ela se formar, independente da vontade e dos interesses dos seus proprietários ou do governo, "inevitavelmente ela disputará uma situação monopolista. Não podemos legislar pensando somente no presente, quando temos uma situação excepcional, de um governo isento e imune a pressões e um regime forte, capaz de resistir a tudo. Mas, esta é uma situação de transição. Entregues os comandos da nação e

suas forças de equilíbrio, dentro do jogo democrático, as grandes concentrações de rendas empolgariam o poder. A sua simples existência é um entrave ao caminho da normalidade. Dir-se-ia que os controles do Estado sempre existirão. Responderei com a frase de um sociólogo americano, ao tratar deste assunto: **quando os quadros de alta direção das empresas desejam ser o governo, eles são o governo.**"

A formação de monopólios e oligopólios conduz à "exacerbação das diferenças da distribuição de rendas nos planos individuais, de classe e regional, além dos graves perigos de ordem política. Pode levar, até, à rutura do corpo político da nação, uma vez que a legítima coação social levada a efeito pelo Estado terá sido ordenada a partir dos interesses do poder econômico.

Finalmente, desejo dizer que é extremamente perigosa a concentração de rendas em poucas mãos. Esta concentração trará em seu bojo poder político que será um **by pass** no caminho da normalidade democrática, podendo comprometê-la. O caminho normal, nas democracias, de construção política, é o partido político. Julgar que o poder econômico pode abrir esse caminho é negar a história".

Sebastião Nery



Regis Pacheco

POLITIKA

7

folklore político

BAHIA

1

Campanha eleitoral de 1950. Juracy Magalhães, candidato a governador, faz comício na cidade de Pombal e, como sempre, conclui com longa frase em inglês. O matuto pergunta ao deputado José Guimarães:

- O que é que ele está dizendo?
- Está xingando a mãe de Regis Pacheco.

Regis Pacheco era o outro candidato. O matuto sacode o chapéu e grita lá de trás:

- Pode xingar em brasileiro, coronel. Nós garante!

2

Audiência em Campo Formoso. Juiz: Valter da Silveira, brilhante escritor e crítico de cinema. Advogados: de um lado, Fernando Jatobá, criminalista famoso, ex-deputado e de um talento excepcional; do outro lado, um jovem advogado recém-formado. O juiz profere a sentença, ditando-a ao escrivão, conhecido na comarca pelas espertezas e pela voracidade na cobrança das custas, e conclui: — “Custas pro rata”.

O jovem bacharel vai ao ouvido de Fernando Jatobá:

- Custas o que?
- Custas aí para o rato.

O juiz deu uma gargalhada. O escrivão sumiu.

3

Ulisses Guimarães tinha chegado à Câmara Federal com uma admiração enorme por Gustavo Capanema. Conversando com Otávio Mangabeira, passa Capanema:

— Doutor Otávio, o senhor não acha que o Capanema é um dos homens mais inteligentes do País?

— Não acho não, Ulisses. O Capanema é muito talentoso, mas muito confuso. E não tem culpa. Repare a cabeça dele: tem três andares. Até a idéia descer lá de cima e chegar cá embaixo na boca, perde-se toda.

4

Augusto Viana, Gugu Viana, presidente da Confederação Nacional da Indústria, elegeu-se deputado federal pela legenda do PR. Manoel Novais, dono do partido, queria que ele renunciasse para dar lugar ao suplente:

— Gugu, você não acha que a presidência da CNI já é honra bastante para qualquer homem público?

— É, mas não renuncieio. Esse mandato me dá prestígio. Consta-se que andam dizendo que vou pouco à Câmara. De fato, sou pouco ácido às sessões, mas o povo da Bahia me elegeram para ficar e vou ficar.

Ficou. A gramática fugiu, mas ele ficou.

5

Gugu Viana estava fazendo vestibular:

— Onde fica a vesícula?

— Aqui.

— Isto aí não é a vesícula. É a clavícula.

— Professor, não sou obrigado a saber essas coisas, por que vou seguir medicina e não engenharia.

6

Otávio Mangabeira morava no Hotel da Bahia. Na campanha eleitoral, hospedou-se lá o deputado Luna Freire, que recebia os cabos eleitorais no apartamento, para distribuir dinheiro e acertar a compra de votos. Um deles tocou a campainha do apartamento de Mangabeira, procurando Luna Freire:

— O senhor está enganado. No andar de baixo é que está hospedado a baleia eleitoral.

7

Mangabeira era governador, 1948, houve comício na praça da Sé. Acabou em tiroteio, com a morte de um bancário. Muita gente presa, inclusive o estudante de direito, depois deputado Henrique Lima Santos. Fez-se uma comissão (Fernando Leite Mendes, João Nô, João Ramos e Ajax Baleeiro) para ir pedir a Mangabeira a libertação de Lima Santos. Pela turma, falou Fernando:

— Governador, eu me criei na ditadura. Mas nunca ouvi um tiro na praça da Sé. Agora, no seu governo, no governo da democracia, por causa de um comício, matam um homem e prendem um estudante, colega nosso da Faculdade de Direito:

— Compreendo a revolta de vocês. Mas é a baderna que precisa ser contida. Quase matam meu Delegado Auxiliar, o doutor Barachisio Lisboa.

— Governador, só há a lamentar esse quase. Assim, iria-mos ver a camisa verde dele.

Mangabeira levou um susto com a resposta de Fernando, ficou algum tempo calado, pensando. E mandou soltar Henrique Lima Santos.

8

Lomanto Júnior estava no interior fazendo campanha para governador. Morreu um amigo na capital, pegou o avião, foi a Salvador. A viúva ficou emocionada:

— Doutor Lomanto, o senhor não precisava interromper sua campanha. Nós compreendíamos.

— Não, minha senhora. De jeito nenhum. É sempre um prazer enterrar os amigos.

Já tinha perdido o voto do morto, perdeu também o da viúva.

9

Osório Vilas Boas, presidente do Esporte Clube Bahia, deputado cassado, é homem de origem humilde, mas muito talentoso e excelente orador. Na assembléia, o deputado Durval Gama, médico, não tinha condições de discutir com ele, apelou:

— V.Excia é um analfabeto, não pode transformar esta casa em uma Câmara de terceira categoria.

— Sou quase analfabeto, sim, mas tenho vivência. Conheço o mundo inteiro. V.Excia sabe qual é a capital da Escócia? Sabe?

— Não sei não.

— Pois eu sei. É Glasgow. E eu estive lá.

Quando procuraram, Durval Gama tinha desaparecido.

10

3 Áureo Filho, faturador do ensino, deputado por Feira de Santana e vice-líder da ARENA, pinta os cabelos e aperta as calças para fingir de broto. Estava discutindo na Assembléia com Newton Macedo Campos, vice-líder do MDB, que citou Stuart Mill:

— Este não, deputado. Este, já era. É gente do século passado.

— Por isso não, deputado Áureo Filho. V.Excia também é do século passado, porque nasceu em 1899, e está aqui me aparteando.

Aurinho, coitado, passou uma semana de cama. Doença: gerontofobia.

11

Edgard Popof tinha horror a Dom Augusto, porque o velho cardeal era homem de altíssimo orgulho. E Popof, médico bom, humanista de esquina, não entendia como um servidor de Deus podia compor a amena chama do cristianismo com as faíscas da mais agressiva soberba.

Um dia, o Papa afastou dom Augusto do comando da Arquidiocese por idade (quase 90 anos) e nomeou para substituí-lo dom Eugênio Sales. Popof exultou e planejou a lição da vingança. Manhã bem cedo, postou-se à porta do Palácio do Campo Grande. Quando Dom Augusto apareceu, os ombros curvados debaixo do manto vermelho, Popof fez-lhe uma reverência respeitosa, beijou-lhe o anel e disse apenas:

— Bom dia, padre Augusto.

12

Nestor Duarte, deputado e escritor, viajava pelo interior com o jornalista Nilson de Oliva César. Conheceram um pistoleiro cego:

— Como é que o senhor faz para matar sem ver?

— Ah, doutor, eu grito o nome do cabra. Quando ele responde, atiro um palmo abaixo do berro. Não erro um.

POLITIKA

8

história

Um estudante brasileiro, que acreditava ser possível sua pátria livre, escreveu carta ao embaixador Tomas Jefferson pedindo apoio à Inconfidência.

Hélio
Duque

INDEPENDÊNCIA

A opressão não liquida com o ideal

Seus nomes

*Infamados pelo despotismo
Rehabilita-os a liberdade
Sagra-os eternos a veneração
e respeito dos homens livres
de todas as nações*

Quem visita o Museu da Inconfidência, em Ouro Preto, verá numa das salas principais uma placa de bronze com esses dizeres, fruto da ação dos habitantes da antiga Vila Rica, que em 1867 se reuniram numa grande subscrição popular e homenagearam os heróis da Inconfidência, com a inscrição que há de se tornar eterna pelos tempos. Foi assim que, pouco mais de setenta anos após a derrota do ideal dos inconfidentes, os mineiros homenagearam seus heróis. Será lembrando o sonho dos inconfidentes, nesses cento e cinquenta anos de independência política, que estaremos tributando nosso mais caloroso



respeito pela ação e pensamento daqueles brasileiros. Quem hoje visita Ouro Preto, logo que chega sente e respira o mais puro ar do absoluto amor pela liberdade. Das cidades coloniais brasileiras é, sem dúvida, o mais fiel cenário histórico de um Brasil libertário. Não se pode visitar Ouro Preto somente com a preocupação turística. Seria preferível que se fechassem as portas de Ouro Preto para quem não tem sensibilidade

e consciência para entender que naquelas ruas enlameadas e naqueles velhos e surrados casarões moldou-se, de certo modo, o que será o Brasil-Grande que todos queremos. Visitar, portanto, o grande reduto dos inconfidentes é marcar um encontro com o espírito mais puro de uma orgulhosa brasilidade. Visitar a Casa dos Contos só para ver a sua beleza arquitetônica é um ultraje à consciência nacional.

Temos que visitar esse local e nele entender que foi, também aí, que o inconfidente Cláudio Manuel da Costa morreu. Por torturas ou por suicídio? A última hipótese não parece provável, mas a história, até hoje, nas suas controvérsias, nada explicou. Ver a Casa de Tomaz Antonio Gonzaga (hoje uma biblioteca e um posto de atendimento do



INPS) é fazer o seguimento natural, descendo ladeira abaixo em direção à Casa de Marília de Dirceu, o grande e eterno amor. É com esses olhos que sempre vejo e revejo a cidade de Ouro Preto. E nela vivendo aquele que foi o maior de seus personagens: Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes. Reconstituamos as cenas. Voltemos ao passado. Contra o que lutavam os intelectuais José Álvares Maciel, Cláudio Manoel da Costa, Tomaz Antônio Gonzaga, Oliveira Rolim, os

militares Luiz Vaz de Toledo, Francisco Antônio de Oliveira, Domingos Abreu Vieira, Francisco de Paula e muitos outros? Qual era a verdadeira situação do Brasil-Colônia sob o jugo lusitano? Pela libertação de sua Pátria, José Joaquim da Maia, então estudante brasileiro na França, procurou o embaixador Tomas Jefferson, dos EUA, manifestando-lhe sua admiração pela Revolução Americana e entregando essa carta: "Eu nasci no Brasil. Vós não ignorais a terrível escravidão que faz gemer a nossa Pátria. Cada dia se torna mais insuportável o nosso estado, depois da vossa gloriosa independência, porque os bárbaros portugueses, receosos de que o exemplo seja abraçado, nada omitem que nos possa fazer infelizes. A convicção de que esses usurpadores só meditam novas opressões contra a humanidade, tem-nos resolvido seguir o farol que nos mostrais a quebrar os grilhões, a reanimar a nossa moribunda liberdade, acabrunhada pela força, único esteio da autoridade dos europeus nas regiões da América. Releva, porém, que alguma potência preste auxílio aos brasileiros, pois que a Espanha certamente se há de unir a Portugal. E apesar de nossas vantagens em guerra defensiva, não poderíamos, contudo, levar a sós a efeito essa defesa ou, pelo menos, seria imprudência tentá-lo sem alguma esperança de bom êxito".

A opressão com o ideal não liquida

Tiradentes viu que o povo tinha muita fome

"Neste estado de coisas, olhamos para os Estados Unidos, porque seguirmos o seu exemplo e porque a natureza, fazendo-nos habitantes do mesmo continente, como que nos ligou pelas relações de uma Pátria comum."

Externamente, lá na velha Europa, um patriota brasileiro em 1786 procurava apoio para o futuro movimento emancipador. Internamente, a insatisfação nas Minas Gerais, com o domínio português, era total. O Estado português tinha preocupações para impedir que as idéias de liberdade entrassem no seu reino e para fortalecer sua economia, através da máxima exploração da colônia. E correndo por fora ia a Inglaterra, dominando economicamente Portugal, desde a assinatura do **Tratado de Methuen**, fornecendo os produtos industrializados a preço de ouro. Ouro que saía do Brasil. E essa riqueza do Brasil-Colônia servia para manter o fausto de uma corte decadente que, em função da riqueza produzida na colônia, podia ter uma vida de luxo e fartura. Enquanto a produção era grande, tudo bem. Mas quando começava a rarear, pois as minas estavam se esgotando, recorria-se à derrama. Que consistia na obrigação do povo completar o total de impostos devidos com os seus próprios recursos. Por decreto, proibiu-se qualquer atividade industrial na Colônia, desde 1785. E as derramas encarregavam-se de fornecer mais minérios, além dos explorados diretamente, já em fase de exaurimento. O povo tenderia a revoltar-se com a dupla exploração.

A Inconfidência Mineira escolheu exatamente um dia de 1788, quando uma nova derrama se realizaria para deflagrar o movimento republicano, com o objetivo de libertar o Brasil do domínio lusitano. Seu maior líder foi Tiradentes. Um herói popular. O maior herói da Independência brasileira.

Era de um filho de fazendeiro, que chegara a ter trinta e cinco escravos e que, portanto, tinha um bom status econômico para a época. Quem hoje visita a cidadezinha de Tiradentes, em Minas Gerais, onde nasceu o nosso Joaquim José da Silva Xavier, vê que sua origem não foi a de um homem de poucas posses. Tinha uma fazenda, herança do pai que morrera cedo, além de sua casa na cidade (hoje aberta à visitação pública) com diversos aposentos, além de uma senzala.

A casa, de dois andares, tem conjugada uma igreja de boas proporções. E aí, nesse local, hábil no manejo dos ferrinhos com que arrancava dentes, se tornou dentista oficial. E acompanhava o enriquecimento de aventureiros, bem como a exploração da colônia de forma predatória pela Metrópole. E isso, acrescido da exploração

Três anos durou o julgamento, tempo que Tiradentes nunca a ninguém falou nada. Mas, para salvar seus companheiros, não se intimidou e morreu sozinho.

do povo, após a rarefação do ouro, começou a despertar a consciência de Tiradentes. Deixou então, de ser dentista para se tornar transportador de mercadorias, com tropas de animais próprias, daí evoluindo para a atividade nas minas de ouro, onde não fez fortuna.

Antes, quando tropeiro, sua consciência de humanista fizera com que se envolvesse em encrenca: socorrera um escravo que estava sendo violentamente castigado. Por seu ato, já que foi a julgamento, teve de pagar pesada multa, sendo obrigado a vender suas tropas. Socorrera o escravo, mas este era propriedade do senhor e ninguém tinha o direito de se intrometer. Por isso foi punido, mas representava a primeira atitude diante das injustiças.

Seu passo seguinte foi ingressar na Companhia dos Dragões da Capitania de Minas Gerais, e por ser branco e filho de portugueses cristãos, teve o privilégio de se tornar oficial, sem passar pelos postos subalternos. Tornou-se Alferes. E aí começou a dar sentido maior à sua vida, entregando-se ao sonho da independência.

Como alguém já disse, não podia ser feliz em meio à exploração de sua gente. Começava a entender, também, que o homem devia ser livre e poder pensar o que quisesse, sem se submeter às razões de Estado. Eram os ventos das novas idéias chegando às Américas. Além dos ventos do Norte trazerem a **Declaração da Independência**, escrita por Tomas Jefferson, e que dizia que todos os homens nascem iguais. E que toda vez que uma forma de governo contrariar os direitos humanos, é um dever do povo alterá-la ou aboli-la e instituir um novo governo.

Tiradentes procurou ler tudo que se relacionava com a independência das colônias inglesas e dos ideais europeus de libertação e dignificação do homem. Quando foi preso, no Rio de Janeiro, levava num dos bolsos um exemplar da **Constituição Americana**. Na sua casa foi encontrado o **Contrato Social**, de Rousseau, com várias anotações e comentários à margem das páginas.

Era, portanto, um homem culto para a época e profundamente atualizado. Segundo o historiador José Honório Rodrigues, "a consciência da espoliação é tão lúcida, que em todas as conversas com que procurava aliciar seus colegas de farda a argumentação é sempre a de que tudo era tirado de Minas e que os pobres filhos da América viviam famintos." Era Tiradentes desenvolvendo o seu proselitismo. E os adeptos para a causa iam surgindo. De todos os setores. Cláudio Manoel da Costa traduz para o português **A Riqueza das Nações**, de Adam Smith, livro básico na segunda metade do século XVIII do liberalismo econômico que na Inglaterra se impunha como a doutrina revolucionária da burguesia, mas que no Brasil-Colônia iria funcionar como arma subversiva e um terrível libelo de acusação no seu processo.

Libertas quae sera tamen (liberdade ainda que tarde). O início do movimento tinha de coincidir com a decretação da derrama, que estava sendo esperada, como um verdadeiro cataclisma, por todas as camadas da população. O início era

Somente a delação pôs fim à conjuração

Minas Gerais, mas o movimento teria que se estender ao Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo.

De maneira geral, libertar-se da opressão da metrópole era o que quase todos queriam. Os ricos, principalmente os mineiros, porque o fisco real, além de cobrar-lhes impostos excessivos, os impedia de empregar os recursos que conseguiam acumular em empreendimentos comerciais e industriais, que trouxessem progresso ascendente para eles e para o meio em que viviam. O pequeno comércio e os artesãos, os faiscadores-independentes e os militares em geral, sentiam que a falta de liberdade, que os impostos e que as constantes ameaças de derramas constituíam um martírio permanente, uma preocupação continuada, algo assim como a falta do direito de viver e prosperar. Enfim, havia um estado geral de insatisfação.

Dessa maneira, quando chegasse a ordem do rei para a derrama, o processo revolucionário seria deflagrado. E caberia a Tiradentes sair pelas ruas gritando: **Liberdade! Liberdade!** E aí o movimento irromperia. Vitorioso, tudo mudaria. Surgiria, no entender dos inconfidentes, o Brasil liberto e republicano, facilitando o progresso industrial, além de leis especiais que beneficiariam os novos industriais. Seria o progresso em benefício de uma civilização nova.

Nos **Autos da Inconfidência** pode-se encontrar registros do projeto de criação das fábricas de tecidos e de uma incipiente metalurgia brasileira. Dessa maneira, como bem ressaltou recentemente Afonso Arinos de Mello Franco, esses projetos já traçavam diretrizes para a defesa e fundação de uma economia brasileira forte. E muitos desses princípios viriam a se realizar em atos de D. João VI, como os da revogação da proibição de fábricas de tecidos no Brasil, isenção do direito de importação de matérias-primas e abertura dos portos que, ao menos teoricamente, colocou fim ao monopólio português.

Mas o sonho dos inconfidentes foi momentaneamente transformado. Surgiu Joaquim Silvério dos Reis que, integrando as hostes revolucionárias, resolvera delatar os companheiros ao governador de Barbacena, para se livrar de uma vultosa dívida que tinha para com o governo. Assim, o delator Silvério dos Reis e depois os portugueses Brasília de Brito Malheiro e Inácio Correia Pamplona denunciaram os planos dos inconfidentes. O governador suspende a derrama e inicia a fase de detenções. Tiradentes é preso no Rio, para onde fora com o objetivo de garantir apoio para o movimento. Preso o cabeça, em Minas são aprisionados todos os seus companheiros de conjuração. O sonho de um Brasil republicano sofrera um sério revés.

Começou a fase de julgamentos. Alguns capitulam, outros não. Tiradentes tudo nega. Até que um dia conta tudo. E para que seu ato não fosse inútil e frustrado em libertar a Pátria, tentou salvar os companheiros, chamando a si toda culpa, inocentando a todos.

Após três anos de julgamentos, só a um coubera a pena de morte. Os outros, após uma primeira condenação de morte, têm as suas penas comutadas para o degredo africano. E, nessa hora, Tiradentes teria dito ao Frei Penaforte: "Dez vidas eu daria, se as tivesse, para salvar as deles". Tiradentes tentara, com o seu sacrifício, salvar os companheiros e abrir ao povo o caminho da emancipação política. Seu corpo foi esquartejado, como queria a decisão real, para amedrontar o povo de futuras revoltas.

O crime de Tiradentes, segundo legislação da época (Código Filipino, livro IV, Título VI) era o de lesa-majestade, o que quer dizer: "tração cometida contra a pessoa do Rei, ou a seu Real Estado, que é tão grave e abominável crime e que os antigos sabedores tanto estranharam, que o compararam à lepra".

Só o Tiradentes é enquadrado neste artigo.

O objetivo português, que era amedrontar o povo de futuros desafios, obtivera uma vitória momentânea. Como sabem ser as vitórias daqueles que estão contra o processo histórico. Seu sacrifício serviu para formar uma vasta corrente que haveria de obter para o Brasil sua independência política.

O grande historiador brasileiro José Honório Rodrigues, assim a expressa: "Foi assim que a cadeia se formou, a cadeia indestrutível do nacionalismo brasileiro. Não foi Tiradentes o único a morrer na forca pelas suas idéias ou pela sua luta. Nas próprias Minas, Felipe dos Santos fora enforcado e esquartejado. E a cadeia continuou com a **Conjuração Baiana**, em 1798, quando quatro modestos brasileiros foram enforcados e esquartejados e continuou em 1817 com os quatro arcabuzados na Bahia e os nove enforcados em Recife. Não há razão para comparar e exaltar este ou aquele movimento em relação ao outro. Todos foram igualmente valiosos na luta pela liberdade nacional. Todos foram produzindo seus heróis e ajudando a formar a consciência nacional, preparatória do movimento final da independência. A nobreza, a dignidade, a generosidade, a aflição, a solidão, o martírio do alferes Tiradentes se converteram num ato simbólico, carregado de sentido, que deu aos brasileiros uma bandeira, uma força, uma alma de protesto contra a injustiça, a espoliação colonial. Foi sua tragédia que nos purgou e nos libertou das fraquezas e das omissões de tantos."

Morreu Tiradentes, mas não o ideal de libertação. Como são perigosos para os que persistem em prolongar a vida aquilo que a história já condenou, os quais encarnam as idéias fecundas que tem por aliado o próprio futuro. Hoje vemos que a luta de Tiradentes não foi em vão. A independência política já veio. Mas o mesmo não podemos dizer da independência econômica. Ela é uma tarefa de todos nós.

POLITIKA

9

história

POLITIKA

10

eu vi

A psicologia de guerra ensina que um soldado de linha de frente deixa de ser humano: é um "robot" para matar. Um grupo de meninos virou feras

**Murilo
Marroquim**

METAMORFOSE



O HOMEM SE TRANSFORMA EM FERA

Esta é uma história de 1945. Os Exércitos aliados penetravam na Alemanha, na arrancada final. Os russos vinham do outro lado, em marcha batida e mais sangrenta. É uma história horrível, mas que possui as suas evidentes conotações políticas no mundo atual. O povo americano não continua estirrecido

com os massacres no Vietnã? Segundo a psicologia de guerra, um soldado de linha de frente deixa de ser humano: é um "robot" para matar. Em que difere uma chacina de um combate infernal? Até que ponto as populações civis — ou a retaguarda da guerra — devem ser poupadas? Estava

em Londres, que não foi poupada; estive na Alemanha, que não foi poupada; Hiroshima e Nagasaki também não o foram. Contudo, parece que há uma diferença que não é sutil, entre a bruta máquina da guerra e a frieza do soldado em si, que atua por conta própria. Neste caso, situa-se a

minha narrativa, que envolve evidentes problemas políticos. Aqui, o soldado é um fanático, fruto de um regime de indocinação psicológica de nacionalismo e de grandeza desafiadora. Os poucos americanos que chacinaram não se sentiam diante dos asiáticos, também super-homens? Não

estaremos assistindo, aqui, ali, a mesma escola política que produzirá os "robots" do futuro, como esses meninos demônios do nazismo? A narrativa fala por si mesma e a especulação em torno dos pontos de interrogação pertence ao leitor.



O HOMEM SE TRANSFORMA EM FERA

Dominados pelo ódio, jovens SS praticaram uma das maiores atrocidades no fim da guerra imolando pelo fogo dois mil homens escravos da Alemanha

POLITIKA

11

eu vi

Gardelegen vivia em paz e não parecia que a Alemanha estava prestes a cair em mãos de russos e americanos

Gardelegen é uma cidade alemã situada nas proximidades do Elba. Está enfeitada com bandeiras brancas: as moças circulam livremente nas ruas, usando bons vestidos e bom calçado; as crianças brincam nas praças. É pequena, limpa e amável cidade de campo, circundada agora pelas flores da primavera e pelos campos arados para as próximas sementeiras.

Gardelegen aparentemente não foi tocada pela guerra; todas as cidades alemãs não destruídas pelo bombardeio é ocupadas sem um tiro em face da ofensiva mecanizada, têm essa mesma extraordinária aparência. A guerra parece não atingir fundamentalmente o povo alemão, quando ele a perde. Por isso, Gardelegen ocupa-se de sua própria vida e só as figuras flutuantes mudam em seu amável cenário. Uniformes cáqui em vez de fardamentos verdes: aliados e não mais alemães.

A cidade, habituada às flutuações da guerra, mudou apenas de roupa. Bandeiras brancas em vez da suástica. Entretanto, a poucos quilômetros dali da cidade, acaba de ser cometido um dos mais espantosos crimes da guerra no ocidente. As moças, as crianças, os homens de Gardelegen sabem o que ocorreu e muitos testemunharam seu epílogo, mas Gardelegen vestiu uma camisa branca — através de centenas de bandeiras de rendição — e aqui está como se nada tivesse a ver com o que se passou em seus arredores. Extraordinária psicologia, com a qual não nos podemos entender na mesma linguagem humana comum. Ao mesmo tempo, a equação arma-se com todos os seus termos essenciais.

Deverá Gardelegen ser julgada conjuntamente pelo crime praticado às suas portas? Gardelegen diz que não. Diz que nada tem a ver com a guerra. Culpa as tropas SS e a Gestapo. Lava as mãos, veste sua camisa branca e certamente deseja que nós sigamos diretamente para o inferno. Se formos para o inferno, Gardelegen naturalmente participará de outra guerra nos próximos cinquenta anos. Este é o problema da Alemanha e do mundo.

O crime, que chamarei — o crime de Gardelegen — embora a cidade

afirme que foi um ato exclusivamente das forças armadas. "Em inglês não há palavras para narrar essa última história de atrocidades alemãs; vocês terão, em português, vocábulos bastantes?" — indagou-me um correspondente americano, embaraçado para relatar o que vira. Fui obrigado a concordar em que também em meu idioma não encontrava expressões bastantes. O crime de Gardelegen é fantástico, tem muito de pesadelo, é inacreditável e contudo aqui está, à nossa vista horrorizada.

Mil e duzentas pessoas foram queimadas vivas, embebidas com gasolina e fechadas em um estábulo. Cheguei um dia depois de consumado o massacre e dezenas de corpos ainda fumegavam. Das 1.200 pessoas sacrificadas, apenas dez escaparam com vida; nove enlouqueceram de pavor e apenas uma ficou em condições de narrar o acontecimento trágico. Trata-se de um húngaro, músico de profissão, de nome Bonde Gaza, natural de Budapeste. A história que se segue, foi por ele contada:

— Quando as tropas SS retiraram-se da zona de Altmark, carregaram dois mil operários escravizados — russos, poloneses e húngaros. Esses homens trabalhavam em uma fábrica de aviões no leste da Alemanha, e na hora da retirada foram reunidos em vagões, passando a errar pela Alemanha durante sete dias. É difícil, com efeito, um trem correr hoje na Alemanha, com a aviação de ambos os lados da linha. O trem fantasma parou afinal em Mieste, a doze quilômetros de Gardelegen, e quando partiu começou a tragédia. Os escravos de três vagões estavam famintos e fatigados e à medida que desciam dos carros, eram metralhados à margem da estrada. As metralhadoras dos SS não pararam durante o pequeno percurso. Diante de Gardelegen o comboio parou e houve nova contagem dos escravos: mil e duzentos. Oitocentos haviam sido mortos a metralhadora. Os restantes foram encaminhados para um grande estábulo e receberam ordem para sentar-se.

Era afinal o descanso? Logo após sentiram que algo corria pelo solo. Era tal a quantidade de gasoli-



A ira dos jovens nazistas

na, que em certos trechos alcançou dois pés. Repentinamente, um cabo da SS abriu a porta sorrindo e lançou rapidamente um fósforo aceso para o interior do estábulo. Esse cabo tinha apenas dezesseis anos de idade.

Houve uma correria louca para uma das portas, mas quando os prisioneiros conseguiram deitá-la abaixo, foram apanhados por uma rajada de metralhadora. À porta, um jovem SS de 13 anos apenas, manobrava sua máquina infernal e sorria. A porta ficou aberta e os jovens nazistas chegaram-se para não perder tão magnífico espetáculo. Tiveram tal prazer nessa contemplação que resolveram atirar granadas em meio àquele inferno, disparando projéteis luminosos. Foi um espetáculo sangüinense. Era noite já, e Gaza e seus companheiros iniciaram a luta para arrombar a terceira porta. Gaza conseguiu sair em companhia de um polonês, mas este gemia com graves queimaduras e seus gemidos atraíram um cão policial e este, por sua vez, atraiu outro cão — um jovem SS que fuzilou o polonês. Gaza per-

maneceu em silêncio e escapou com mais nove companheiros.

Lí, anteriormente, várias histórias sobre atrocidades alemãs e vi, em Londres, filmes documentários russos sobre os massacres praticados na Rússia. Entretanto, acredito que é necessário "ver" essas atrocidades, ou pelo menos, uma delas. Seria indispensável, se possível, fazer desfilar todo um exército aqui e nos campos de massacres da Rússia e da Polônia, sobretudo um exército ocidental. Um simples espetáculo como este de Gardelegen responderia à clássica pergunta: "Por que estamos combatendo os alemães"? Estes cadáveres que ainda estão queimando, responderiam. O cheiro de carne queimada é agressivo à respiração em Gardelegen, mas a pequena cidade não parece percebê-lo.

Um fotógrafo oficial perdeu uma hora olhando esta horrenda, carnagem fumegante e confessou horrorizado: "É monstruoso demais para uma fotografia". Há dezenas de corpos abraçados, há montões empilhados diante das portas cerradas, há um velho sustentando um menino nos braços e há uma impressionante figura, a um canto: a morte colheu-o sentado em uma cadeira de ferro, com as pernas cruzadas, como se tivesse compreendido a inutilidade de fugir. Essas figuras flutuam quase irreais em meio à fumaça, porque vários corpos ainda ardem. Olhadas do alto, parecem vermes em um pântano. O crime foi cometido pelas tropas SS — jovens entre doze e dezoito anos. Gardelegen e outras cidades alemãs têm algo a ver com esses crimes? Qual o destino reservado a milhões desses jovens fanáticos? O grande perigo de amanhã está em que teremos inevitavelmente duas espécies de resposta: a dos que "ouviram" falar sobre o crime de Gardelegen e a dos que "viram" Gardelegen.

Os meninos estão encurralados num pequeno bosque de eucaliptos. É a primavera. Durante poucos minutos, chovem sobre o bosque granadas de fósforo. Vemos, à curta distância, que o incêndio começa e a acre fumaça se desprende. Os jovens nazistas saem, de mãos para cima. Mas as metralhadoras não silenciam.

Finalmente a verdade

O ministro Delfim Neto, nos últimos dias, tem dado declarações realistas. No dia 9 passado, concedeu entrevista ao Estado de São Paulo em que reconheceu que a distribuição de renda no Brasil é insuficiente e que ninguém pode acusar o governo de não trabalhar para melhorar o nível de vida do povo. Citou exemplos como os Estados Unidos, URSS e México, dizendo que esta não é uma obra para dois, três anos, mais sim para décadas.

Mas ninguém pediu ao ministro para melhorar o nível de vida do povo em um ano. Queríamos, apenas, que ele reconhecesse que os padrões salariais de um trabalhador no Brasil são irrisórios. Ele lutou, relutou, negou, contestou e agora, finalmente, acaba de reconhecer a razão.



Editorial - 1

1 — "Na busca da verdade, o homem precisa de todas as informações, acesso a todas as idéias e não apenas às que lhe desejarem fornecer".

2 — "A melhor maneira de lutar contra o falso, de combater o erro, é conhecer para refutar. Idéias contra idéias. É o apogeu da liberdade".

3 — "A época atual é tipicamente de transição. Está ocorrendo um gradual declínio do homem religioso para o homem político e, deste, para o homem econômico e industrial, que fundamenta nossa sociedade".

4 — "Tem sido constante a tendência em olhar com desconfiança a política e os políticos. Essa atitude apolítica dominou os espíritos em quase todos os países. Hoje a política já ocupa um dos principais planos de interesse nas sociedades contemporâneas, tendo mesmo ocorrido intensa politização nas lideranças e nas massas. Os cursos de ciência política, por exemplo, atraem cada vez mais maiores contingentes e os cultores dessa ciência passaram a ser considerados e ouvidos com respeito".

5 — "A sociedade democrática depende da liberdade de informação, do livre curso das idéias e opiniões, pois o conformismo significa morte por estrangulamento. A luta pela liberdade de imprensa sempre foi irmanada ao aperfeiçoamento realístico das democracias; contido, nunca desvinculada das necessidades de controlar seus limites, na procura da liberdade da responsabilidade". (Conclusão dos estudos desenvolvidos na primeira fase do atual ano letivo, pela Escola Superior de Guerra)

A filha ingrata

Henri Laborit, o cientista francês que descobriu os tranquilizantes, foi a Brasília e ficou tão encantado com a arquitetura de Niemeyer que confessou ser um de seus sonhos poder trabalhar lá um dia "num laboratório construído por Oscar Niemeyer".

Não sabe o doutor Laborit que Niemeyer foi afastado de Brasília e que, se ele quiser trabalhar em um laboratório construído pelo grande arquiteto brasileiro, está muito fácil: não precisa sair de Paris. Escorçado do Brasil, Niemeyer está trabalhando hoje para Israel, Argélia e França.

É a força do milagre brasileiro. Exportamos gênios.

Editorial - 2

"Existe uma diferença essencial entre a comemoração de nosso Centenário em 1922 e as do Sesquicentário em 1972. Naquela, a iniciativa partiu do povo. Nesta, do Governo. Em 1922, o que houve foram movimentos. Hoje, festas. Aqueles marcaram o início de uma nova fase da vida nacional. Estas, são apenas divertimentos, shows discursivos, passeatas a caráter com os restos de Pedro I rodando em sua caleça fúnebre pelas ruas do Brasil afora... O balanço do primeiro século de nossa Independência fora em 22 um estímulo à preparação do novo século. A propaganda ufanista do presente se enfeita, hoje, com a nostalgia e a parafernália do passado. Em 1922, o povo participou como autor dos acontecimentos. Em 1972, está assistindo de palanque, como convidado ao desenrolar do espetáculo, com programa traçado por outrem e datas marcadas por meses a fio. Há 50 anos, o Centenário fez renascer o civismo, de baixo para cima, da semente à flor. Hoje, o Sesquicentário propõe ou mesmo impõe o civismo, de cima para baixo, como uma disciplina e um dever. O contraste formal entre as duas comemorações, dessas datas memoráveis de nossa História, é flagrante e significativo." (Tristão de Athayde, no JB).

O brotinho da ARENA

O deputado Murilo Badaró, primeiro-secretário da direção nacional da ARENA, foi encarregado por Filinto Müller de organizar o "Movimento da Arena Jovem". Deu entrevista, viajou, foi ao rádio, à TV, deslindou estatísticas ("Temos 15 milhões de jovens que devem ser convencidos a entrarem para a ARENA"), fez relatórios, mas até agora o único jovem que o Murilo conseguiu recrutar para o partido do governo foi ele mesmo. Que já anda beirando os 50 a careca e os cabelos brancos não enganam.

Aliás, o Murilo tem uma experiência muito boa sobre as oportunidades da juventude no atual processo político. Era candidato ao governo de Minas. Quando Sebastião Pais de Almeida foi cassado, ele passou a ter o apoio da maioria dos convencionais. Aí, veio o recadinho discretíssimo: — Você é muito jovem. O candidato tem que ser um pouco mais amadurecido. E saiu o Israel Pinheiro.

Editorial - 3

"Os responsáveis pela atual política brasileira precisam perder o medo dos estudantes e dos operários". (Gilberto Freire)

A diferença

"Estamos suficientemente convencidos hoje de que a subversão comunista, apesar dos males que nos tem causado, é menos perigosa para a Nação do que os excessos da televisão". A frase é do deputado Clóvis Stenzel, vice-líder da Arena. Uma, dá IPM. A outra, IBOPE. Uma simples diferença de sigla.

Doutorandos pouco elevados

Está nos jornais: — "O professor Sergio Marques de Souza foi escolhido paraninfo da turma de engenharia das universidades de Brasília e do Rio de Janeiro".

O professor Marques de Sousa é o presidente da Sobrenco, a firma responsável pela construção do Elevado Paulo de Frontin, na Guanabara, que desabou matando muita gente.

Como esses ilustres doutorandos não devem ser favoráveis ao desabamento de elevados, a explicação da estapafúrdia paraninfia deve estar na elevação das notas.

Editorial - 4

"A Agricultura do Brasil é uma das mais avançadas do mundo" (Antonio Delfim Neto, professor e ministro da Fazenda, no Brasil)

Rasteira

O Espírito Santo tem em foco política o que não tem em território. Agora mesmo, comenta-se, a boca pequena, que o atual governador, Artur Gerhardt, deu uma rasteira no Cristiano Dias Lopes, seu antecessor, que o indicara para o cargo. E a rasteira se constituiu em cumprir, ao pé da letra, as determinações do Governo Federal, no sentido de passar a ser o rezeinho estadual. E fez a maioria dos delegados da Arena, deixando, solitário, o Cristiano, com sua indicação atravessada na garganta.

Mas um fato novo parece que despertou o ex-governador. Gerhardt, para continuar presidiado no Estado, quer fazer seu sucessor. E para tanto tem dado toda força ao presidente da Federação das Indústrias do Espírito Santo, Jones Santos Neves Filho, líder do empresariado capixaba. E o pessoal do Cristiano Dias Lopes, maldosamente, está espalhando o boato de que Jones não terá fôlego para agüentar até às eleições e que ele, como bom aluno de Gerhardt, não se esquecerá da rasteira.

Francamente

Na Espanha, o sobrenome do pai vem antes do sobrenome da mãe, ao contrário do Brasil, por exemplo. Aqui, o filho de José Silva e Maria Souza é João Souza e Silva. Na Espanha, seria João Silva e Souza.

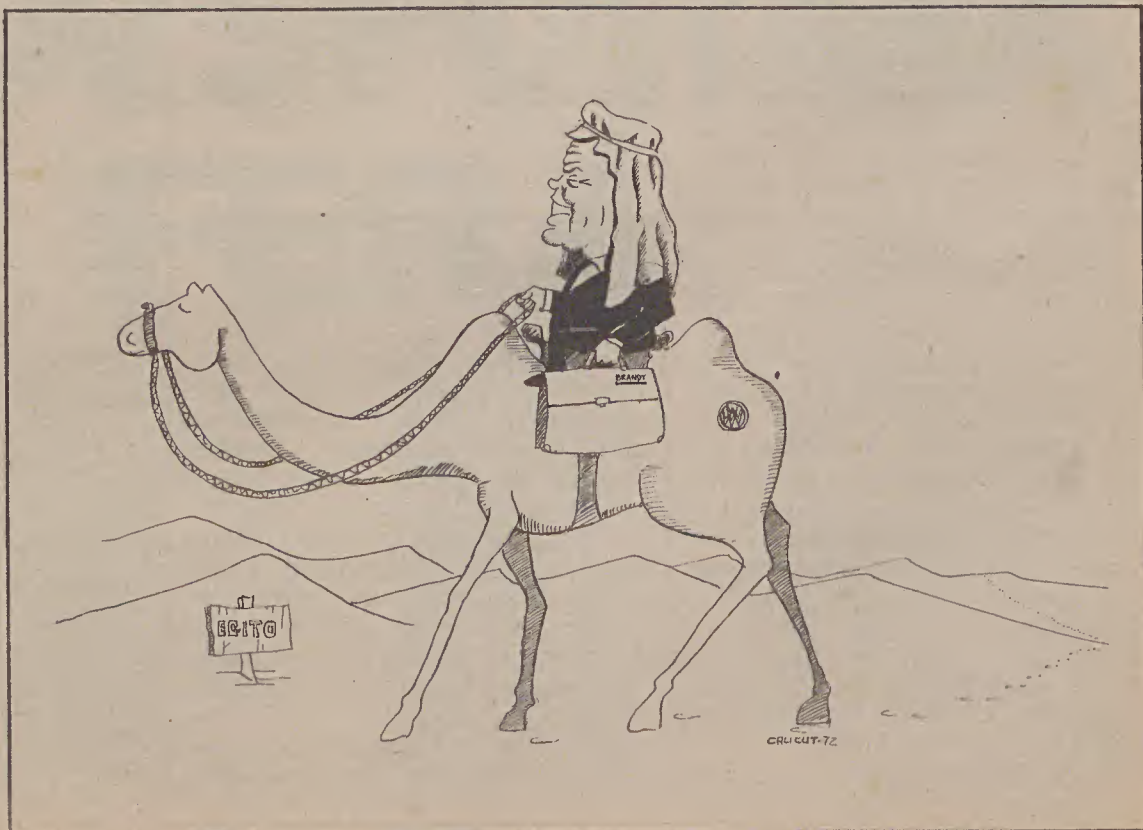
Acontece que Franco, o sagrado generalíssimo, não tem descendentes masculinos e seu nome de família ia desaparecer. As Cortes espanholas, que são a ARENA de lá, votaram um decreto especial mudando o nome do neto de Franco, que, em vez de Francis Martinez Franco, passou a chamar-se Francis Franco Martinez.

Uma hora dessas o deputado Nina Ribeiro vai conseguir uma lei-zinha também, pois não fica bem um vice-líder da ARENA chamar-se Nina, quando pode virar Nino.

Última notícia

Informam os jornais que "a Arena só lançará candidatos a prefeito no Amazonas depois que o governador do Estado examinar os nomes e conceder o nihil obstat: Quem anunciou a extensão dessa fórmula ao plano estadual foi o próprio governador João Valter de Andrade".

Essa pode não ser a mais importante notícia sobre as eleições municipais de novembro. Mas, decididamente, é a mais recente, a mais fresca.





A solução lá fora

O Piauí continua o mesmo. Seu governador, Alberto Silva, ao retornar de Londres, deitou falação. E disse que se tinha encontrado com o ministro Costa Cavalcanti, do Interior, a quem pediu auxílio para o plano de irrigação do Estado. E que teria recebido a promessa formal de financiamento, pela Sudene. Conclusão: o Piauí é um Estado tão desprestigiado que seu governador precisa ir a Londres para se avistar com um ministro de Estado, do Brasil.

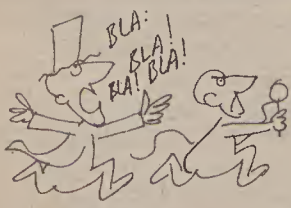
Povo feliz



O filósofo Augusto Marzagão, quando diretor do Festival Internacional da Canção, lançou o slogan: povo que canta é povo feliz. Foi o bastante para que o pessoal descobrisse que o povo é sempre feliz. Agora mesmo a AERP acaba de saber que, por ocasião das comemorações do sesquicentenário da Independência, povo que festa é povo feliz.

Um alfinete, pelo amor de Deus!

Governador interrompido



O governador Chagas Freitas presidiu, no Clube de Engenharia, a sessão inaugural do Pánel sobre o

Desenvolvimento Brasileiro. O salão estava repleto para o discurso do ministro Reis Veloso: jovens estudantes, jornalistas, público mesmo e algumas figuras que vivem de presenciar conferências e coquetéis. Com muita pompa, teve início o encontro.

O engenheiro Hélio de Almeida, presidente do Clube, abriu a sessão e anunciou que a presidência caberia ao governador Chagas Freitas. Após a explanação de uma hora do ministro do Planejamento, este sentou-se, com ar de quem tinha acabado sua participação. Então, o governador ameaçou tomar a palavra:

— Na qualidade de presidente da sessão, eu...

Antes que conseguisse completar a frase, o sr. Hélio de Almeida interrompeu, dizendo que o ministro Reis Veloso ainda faria suas explanações finais. Após dez minutos, quando o ministro disse que tinha acabado, Chagas Freitas insistiu:

— Na qualidade de presidente da sessão, eu...

Novamente Hélio de Almeida interrompeu a frase:

— Governador, vamos parar para beber água e distribuir papéis para que o público faça perguntas. A sessão está interrompida por dez minutos.

Chagas Freitas ficou visivelmente contrariado e foi o primeiro a se levantar. Após a interrupção, Hélio já presidia a mesa: o governador saíra chateado, por não ter podido falar. E o presidente do Clube justificou:

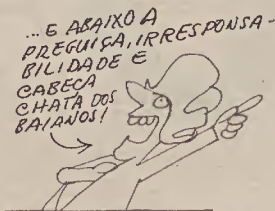
— O governador foi para casa trocar seu traje, uma vez que participará da posse de Otávio de Faria.

E o debate continuou, com muito brilho e sem a presença de Chagas.

O esquecido conferencista

O embaixador Carlos Chagas foi à Escola Superior de Guerra, na Urca, para discursar. Ao chegar, notou que tinha esquecido o principal: o texto do discurso. Telefonou com urgência e logo veio uma pessoa de sua família, num fusquinho furador de sinais, com sua bela literatura, que comoveu a todos.

Justiça de kágado



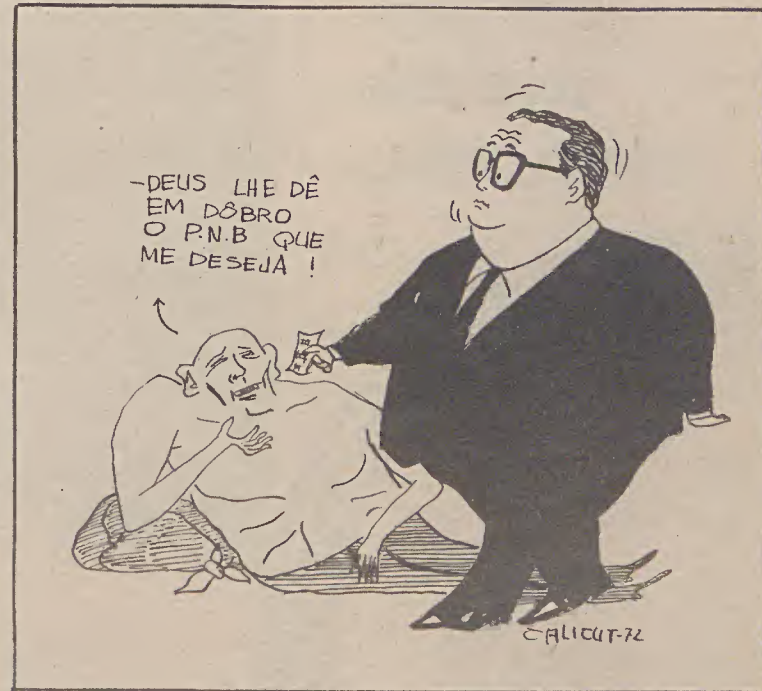
José Firmino dos Santos, um matuto de Jacobina, na Bahia, foi recolhido ao pavilhão judiciário do Hospício Juliano Moreira, em Salvador, à ordem do juiz de direito de sua cidade, em julho de 1962. O tal pavilhão é conhecido como "inferno", por ser bem uma amostra dos domínios do demônio.

Em 3 de agosto de 1965, um advogado, condoído do abandono de José Firmino (talvez o major Cosme de Farias), impetrou habeas corpus no Tribunal de Justiça da Bahia. O pedido só foi julgado em 5 de outubro de 1966, isto é, um ano, dois meses e sete dias depois. E o acordo só foi publicado em 2 de março de 1971, isto é, cinco anos e seis meses depois.

Em 24 de setembro de 1971, o Supremo Tribunal Federal, tomando conhecimento do caso, mandou soltar José Firmino por unanimidade. O relator, ministro Osvaldo Trigueiro (Recurso de H. C. no. 49.164 - BA) disse: — "É este um dos vários recursos, oriundos daquele Estado, que revelam, de maneira estupefata, as imperfeições do Judiciário".

Enquanto isso, José Firmino ficou preso 9 anos e um mês entre loucos, sem ser doido nem culpado de nada. E ninguém foi responsabilizado. É por isso que o governador Antonio Carlos Magalhães vai para a TV e chama a justiça baiana de "gente preguiçosa e irresponsável" e Suas Excelências baixam a cabeça.

Quem duvidar dessa história leia a Revista do Supremo Tribunal Federal, volume 59, edição de janeiro de 1972, página 135.



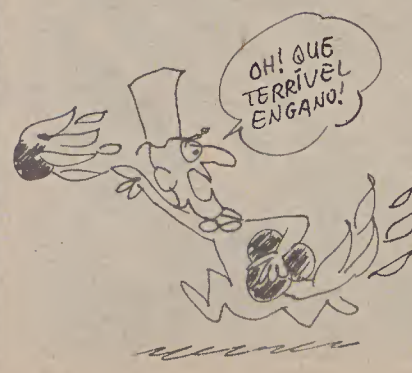
A memória de Laudo

Laudo Natel tem memória curta, em termos de serviços que os amigos lhe prestam. O atual presidente da Arena paulista, José Salvador Julianelli, foi o chefe da Casa Civil de Natel quando este assumiu o governo em substituição a Ademar de Barros. Quando foi indicado pelo presidente Medici para o governo de São Paulo, Laudo Natel se esqueceu dos serviços que Julianelli lhe prestara e convidou Henri Aydar para a Casa Civil o que não satisfez, de maneira nenhuma, aos paulistas.

Então, Natel lembrou-se de seu antigo amigo e colaborador e o convidou para ocupar a vaga que seria aberta com a demissão de Henri.

Julianelli não aceitou. E teve razões de sobra: um passarinho, com vôo direto entre o Palácio Bandeirantes e o Palácio da Alvorada, disse-lhe que o pessoal do Governo Federal ficaria mais satisfeito se ele não aceitasse e permanecesse na presidência da Arena, onde consegue levar de maneira satisfatória as cinco correntes políticas, diferentes e litigantes, que ameaçam esfrangalhar a unidade arenista.

A morte por engano



Dezenas de crianças morreram carbonizadas com bombas napalm, semana passada, quando a aviação sul-vietnamita bombardeou, por engano, suas próprias tropas. E a notícia ganhou as manchetes do mundo, com radiofotos terríveis, sempre com a preocupação de esclarecer que se tratava de um trágico engano o bombardeamento de populações civis. De repente, nós nos lembramos das milhares de crianças que morrem e que morreram, pelas mesmas bombas napalm, no Vietnã do Norte, sem que fossem fotografadas, sem que tivessem manchetes, sem que fossem lembradas. Simplesmente porque estão do lado comunista. Precisa comentar?

O capuchinho ficou atordoado com a notícia que dava conta que o padre havia sido preso. Não atinou com as razões que pudessem fazer-lhe um rebelde.

Gerardo Mello Mourão

O ópio do povo

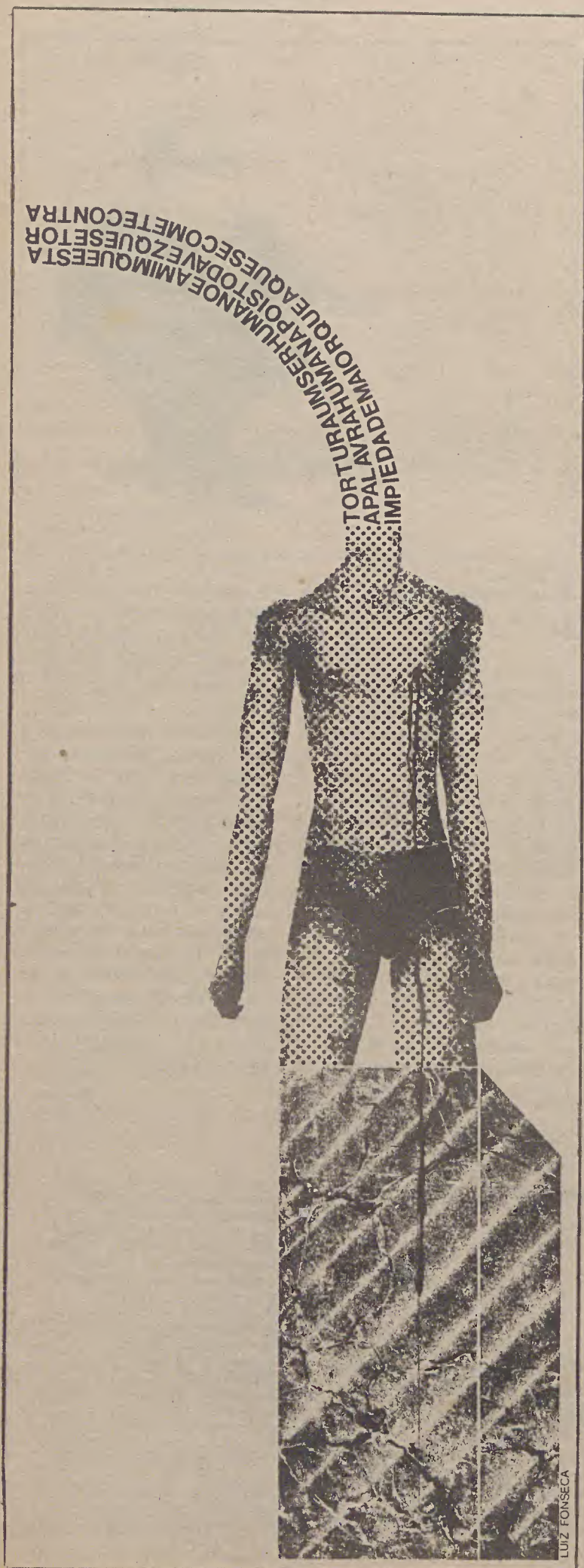
A última vez que o encontrei, foi num hotel de catalões em Guayaquil, onde vagabundei uns três ou quatro dias, de volta da Nicarágua. Lembro-me da cor de mel de seu poncho de vicunha, a mesma cor de mel de seus olhos inocentes e do forte tabaco *criollo* de seus cigarros incessantes. As noites do Equador são profundamente azuis e gastamos todo o azul da noite numa conversa fervorosa sobre os destinos de nossa América. Despedimo-nos no aeroporto, e tomei o avião peruano em que me esperava Mariana Valenzuela, com seus grandes olhos quitenhos.

Depois, nunca mais soube dele, a não ser pelos jornais, e pela carta de um frade capuchinho de Bogotá, escrita a seu pedido, antes de morrer. Dizia o capuchinho que, desde que deixara o velho seminário colombiano para fazer-se frade, não tivera mais notícias de seu colega de turma. Soubera apenas que terminara o curso, se ordenara sacerdote, fizera um doutorado de

Teologia na Bélgica ou em Roma, e era vigário de uma paupérrima paróquia pelas bandas de Bucamaranga, na região cafeeira das serras de Santander, entre as quebradas da província de Soto. "Nunca leio jornais" — dizia o capuchinho na carta. Seu apostolado não lhe dava tempo para isso. Ficou, por isso mesmo, atordoado com a notícia, divulgada com escândalo na reunião das Filhas de Maria, onde correu, de mão em mão, o exemplar do diário em que se divulgava sua prisão. O Padre, seu antigo colega de seminário, estava preso por uns coronéis de Bogotá, sob a acusação de ser comunista e cúmplice de subversão com operários e camponeses.

A prisão de um sacerdote, de um ministro religioso, seja qual for sua confissão, parecia-lhe uma impiedade. Ficou, assim, verdadeiramente perplexo diante da silenciosa passividade dos fiéis. Os próprios bispos não disseram uma palavra, parecendo esquecidos daquela

severa advertência de Nosso Senhor aos poderosos do mundo, de que não tocassem em seus ungidos: — *noli tangere Christos meos*. Não fazia muito tempo, a Santa Sé fulminara com a excomunhão o general Perón, porque ousara encarcerar um bispo em Buenos Aires. E a mesma pena se abatera sobre a cabeça do ditador do Haiti, porque ameaçara a liberdade do Senhor Bispo de Port-au-Prince. Aos olhos de Deus, dos sagrados Cânones e de todas as disposições capitulares da Santa Teologia, tão sacerdote, tão ungido é o obscuro pároco de uma freguesia de Bucamaranga, como o titular do mais alto dos sólios episcopais. Parecia-lhe, assim, incompreensível que, enquanto o *anathema sit* da cólera romana se abatesse sobre a testa negra do ditador do Haiti, o Papa Doc de Bogotá continuasse a envolver a figura santarrona na fumaça do incenso e na glória gregoriana dos *Te Deum* pontificais, entre cônegos, abades, arcebispos e príncipes da Igreja.



O ópio do povo

Quando um oficial-carcereiro o recebeu mal, o padre ficou grato por ver a oportunidade de ser humilhado quando era o mensageiro da palavra de Deus.



Colômbia

Desde o Seminário, o Padre sabia que sua luta seria contra a opressão.

Mas não queria julgar ninguém. Muito menos a egrégia hierarquia apostólica, que talvez tivesse razões para repetir o exemplo do Senhor, como o fizera Dom Vital, no Brasil, diante dos juízes imperiais.

Pois o jovem e santo Bispo de Olinda e Recife, na branca folha de papel que lhe apresentaram para redigir sua defesa ou seu protesto, escrevera apenas a frase do Evangelho:

— **Jesus autem tacebat — Jesus preferia calar-se.**

Talvez agora também a dignidade da Santa Igreja estivesse achando mais sábio e mais eloquente o silêncio, diante dos furibundos coronéis colombianos que arrastavam sacerdotes ao cárcere.

Mas não. Pois a verdade é que a Igreja não silenciara e — sem falar em prelados como Monsenhor Sigaldez, mais assíduo aos cochichos palacianos que ao ofício do confessor — o certo é que não faltavam catedrais em que se celebrassem pontificais votivos aos membros e cabecilhas do governo que encarcerava sacerdotes.

Não queria dizer que fosse má-fé. Talvez apenas falta de inteligência, pois, como na famosa invectiva do velho Padre Atanásio, que tantas vezes ouvira no Seminário, nem sempre a coroa serve de clarabóia ao cérebro. Não. Não queria julgar os ungidos do Senhor. Devia ser apenas burrice, e a burrice, que em alguns será pecado, em outros pode-

rá ser virtude, como nos santos irmãos Leão e Junípero. E o próprio poeta-santo fizera um poema em que pedia a Deus que lhe desse a graça de fazer-se — **Buríssimo como São Cristóvão.**

De forma que aquilo que lhe parecia um pecado de covardia ou de omissão devia ser antes uma virtude, a graça da burrice de São Cristóvão, derramada como um celeste orvalho, ao canto do **rorate coeli desuper**, sobre as cabeças dos santos de Deus, e pousada à sombra protetora de solidéus roxos e negros.

Não. Não queria julgar os bispos e monsenhores. Nosso Senhor, porém, que não o quisera contemplar naquele momento com a graça da burrice, desejava, sem dúvida, que falasse e fizesse alguma coisa por seu irmão de sacerdócio e antigo companheiro de Seminário. Ia ver o Padre prisioneiro.

O oficial ríspido o recebeu mal. Agradeceu a Deus a oportunidade de sofrer uma humilhação a seu serviço. Perguntaram-lhe se também era comunista, ou se era um frade vadio e não tinha mais o que fazer. As visitas eram proibidas. O padre estava rigorosamente incomunicável.

— “Incomunicável” — repetiu baixinho, recitando a antífona de **Communicantes** da Santa Missa, e sorrindo ligeiramente, com uma superioridade interior que o bronco carcereiro jamais entenderia. Pois os

homens de Deus têm pontos de encontro e conhecem caminhos de comunicação contra os quais resulta impotente e ludibriado o próprio poder dos dispositivos militares da Colômbia.

— “Incomunicável” — sorriu de novo, alisando a barba capuchinha. Pois sabia que desde o momento em que saíra da sacristia para vê-lo, ao terminar o **Tantum Ergo** de saudação ao Santíssimo — já estava em comunicação com o padre encarcerado.

Aqui sou obrigado a omitir certos detalhes da carta que me escreveu o frade, pois ele ainda continua vivo, e as coisas na Colômbia continuam como dantes.

O que ficou sabendo do Padre encarcerado foi pouco, mas foi tudo.

Em sua miserável freguesia, entregue ao pastoreio das almas que Deus lhe confiara, havia refinado, no exercício da oração e da penitência, aquela piedade, aquela paixão da virtude, que dele fizera no Seminário a admiração e o exemplo dos companheiros.

Asceta e monje nas poucas horas que podia reservar ao recolhimento da Casa Paroquial, era apóstolo incansável no confessionário no púlpito à cabeceira dos doentes e às privações dos pobres. Comovido talvez mais por sua ação que por sua palavra simples — era daqueles que

POLITIKA

15

revolução

Eles o diziam comunista

pregam o silêncio, como queria Santo Afonso Rodriguez — todo o povo da freguesia, sem uma única exceção, vivia em torno de sua Igreja, fiel e devoto, no fervor da fé religiosa.

Um dia, num jipe com alto-falante, parou em frente do cruzeiro da praça um grupo de estudantes e políticos vindos da Capital.

— “São comunistas” — sentenciou, oracular, o sub-delegado de Polícia.

O resultado é que o povo abandonou a praça, embora os oradores

O resultado é que o povo abandonou a praça, embora os oradores continuassem a trovejar, pregando a reforma agrária, a extinção do analfabetismo e outras teses igualmente explosivas, muito ao gosto do paladar subversivo de alguns intelectuais de Bogotá.

Quando ia mais alto o calor dos oradores sem ouvintes, naquela espécie de comício **chapliniano** ao mesmo tempo trágico e grotesco, o Padre assomou, talvez por acaso, à porta do presbitério.

Deteve-se um instante. Colocou o barrete, atravessou a praça e postou-se à frente dos oradores. O rapaz que falava fez lembrar-lhe a história de Santo Antônio que não encontrando homens que lhe ouvissem a palavra, resolveu distribuí-la aos peixes.

Depois lembrou-se do Precursor do Evangelho, e na memória que lhe trabalhava a retina e os ouvidos, murmurou a invectiva de São João Batista, que se alimentava de mel silvestre e gafanhotos e pregava nos ermos:

— **Vox clamantis in deserto.**

Surpreendeu-se, de súbito, com a idéia de que, se pudera comparar aqueles agitadores com os santos de Deus, como Antônio de Lisboa e João Batista, é porque somos todos filhos do mesmo Pai Celestial, criaturas do mesmo Deus, participante por igual das mesmas heranças da Criação e da Providência.



Num palanque, o sacerdote viu que aos homens é dado o pleno direito de ouvir e ser ouvido. E permitiu que um detrator o ofendesse, sem lhe responder.

O ópio do povo

Não. A religião não é o ópio do povo. E ele haveria de mostrá-lo, de agora em diante, por onde andasse.

Andava por esses pensamentos, quando um jovem estudante exaltado, com todos os sintomas daquilo a que Lenin chamava o **sarampo do comunismo**, apontou para sua pobre batina remendada, e depois de uma série de indignadas acusações, sensibilizando-o pela insensibilidade e pela ausência do povo, e que faziam sorrir e perdoar, exclamou:

— A religião é o ópio do povo.

Padre se pôs sério. Até ali ouvira tudo com benevolência e acatamento. Mais do que isto: pois entendia que a palavra é o dom mais sagrado que Deus confiou ao homem. Pusera-se a ouvir os oradores, porque lhe parecia um pecado contra a grandeza desse dom não lhe dispensar o respeito merecido. Não há impiedade maior que a que se comete contra a palavra humana, sufocando-a na garganta dos que a oferecem. Ou no ouvido dos destinatários dela. É um sacrilégio privar alguém de falar. E é igualmente um sacrilégio privar alguém de ouvir e ser ouvido. Por isso estava ali, ouvindo.

Mas, diante daquela acusação frontal à sua fé, à santa fé de Nosso Senhor Jesus Cristo e de seus sagrados evangelhos, não se conteve. Subiu ao improvisado palanque, arrebatou o microfone ao orador, e pediu ao povo recolhido nas casas que o viesse ouvir.

A multidão assustada encheu a praça. E ele permaneceu ali, firme, ao lado dos agitadores, a mão escondida no bolso da batina, desfian-do o terço.

Poderia ter incitado a multidão, puxando o terço com ela e, por fim, escorraçado do palanque, da praça e da freguesia, a chicotadas de rosário, os intrusos perturbadores. Lembrou-se daquele padre que tomara o crucifixo e com ele golpeara os infelizes, castigando-os a **crístazos**, segundo a versão de D. Miguel. E lembrou-se da explicação de D. Miguel, de que aquele padre fora para o inferno, pois, ao apresentar-se diante do Senhor, Este lhe disse:

— Foi o meu sangue que correu, foi a mim que golpeaste no lombo de meus filhos. Pois toda vez que se

tortura um ser humano, é a mim que se tortura.

Não. Não transformaria em chicote o sagrado rosário da Santíssima Virgem Maria.

O orador terminou pedindo o fechamento das igrejas e a cabeça dos vigários. O padre fechou os olhos e disse baixinho a fórmula sagrada do perdão:

— *misereatur tui omnipotens Deus et dimissis peccatis tuis perducatur te ad vitam aeternam.*

Pensou no poder de Deus, que uma vez fizera baixar um só de Seus Anjos, com a espada de fogo, e destruíra os vinte e cinco mil soldados do exército de Senaquerib. Se Ele poupava agora aquele jovem estudante exaltado, é porque queria que ele falasse. Falasse e fosse ouvido. Não seria ele quem iria impedir aquilo que a infinita sabedoria se comprazia em permitir.

Já agora era outro que discursava. Pois, depois do jovem exaltado, falaram largamente um escritor mais ou menos conhecido em Bogotá e um operário de Bucamaranga. Conclamavam o povo a despertar, para dar terra aos que não a têm, para matar a fome dos famintos, vestir os nus, levar remédio aos enfermos e instrução aos ignorantes.

Despertar o povo — pensou. Lembrou-se da palavra do Evangelho — **vigilate — estai despertos.**

Não. A religião não é o ópio do povo — e ele havia de mostrá-lo de agora em diante, não apenas em sua humilde paróquia, mas em todos os recantos da Colômbia.

Aqui devo, novamente, omitir alguns detalhes da carta do capuchinho. Mas posso lembrar algumas referências que me foram feitas pelo deputado Nuñez Campero, que o encontrou fomentando uma greve e escorraçando policiais e delatores à porta de uma fábrica em Cali ou Medellín.

Nuñez Campero, aliás, estava com ele, num palanque cheio de comunistas, no comício de Primeiro de Maio em Cali. Era um dos mais ardentes oradores. Foi quando um



Jesus preferia calar-se

provocador policial, ou talvez mesmo uma pessoa ingênua que estranhasse a presença daquela batina em semelhante circunstância e companhia, o interpelou, para saber se era realmente sacerdote.

— Sacerdote segundo a ordem de Melquisedec e segundo o coração do Cristo — foi a resposta do Padre.

— Que dirá, então, o reverendo — perguntou o sujeito — quando comparecer ao julgamento de Deus e lhe for perguntado onde estava no dia 1o. de maio de 1963?

— Já pensei nisso, meu filho — respondeu o padre serenamente. — Pois, humilde e tranqüilo, prostrado aos pés do Senhor meu Deus, eu lhe

direi: Pai, no dia 1o. de maio, teu servo e teu sacerdote, estava num palanque cheio de trabalhadores. Estava ali com eles, Pai, ao lado deles, pedindo para que os poderosos não continuassem a matar de fome e de miséria os operários meus irmãos, que são teus filhos prediletos, entre os quais nasceu o Senhor Jesus, no lar do carpinteiro, para fundar Sua Igreja com pescadores e prostitutas — a ralé dos arrabaldes. Estava, Pai, ao lado dos que reclamavam justiça, oferecendo meu pequeno esforço humano em favor daqueles por quem o Senhor Jesus ofereceu a própria vida.

Segundo a carta do frade, os bispos nunca o suspenderam de ordens, por mais incompreensíveis que parecessem a algumas senhoras bem-pensantes as prédicas e as companhias do Padre revolucionário.

O capuchinho não é muito claro ou preferiu ser discreto comigo a respeito dos problemas de consciência que com ele haja debatido o sacerdote.

Termina abruptamente a carta, edificado com o fervor do companheiro que, segundo ele, passou os dias no cárcere confessando o Senhor e esperando Nele. E dali saiu para as montanhas, de onde nunca mais voltaria.

O que parece fora de dúvida é que, além dos aspectos diretos do amor cristão e da pura justiça, duas idéias fundamentais o inspiraram, ao acompanhar os rebeldes. A primeira delas foi a necessidade de testemunhar a liberdade da palavra humana, pois não se deve impedir aquilo que Deus permite. E a outra, a decisão de mostrar que a religião dos filhos de Deus é o mais vivo e vigoroso dos nutrimentos — e não o ópio do povo. Queria desmentir Lenin mas entre as muitas coisas que existem entre o céu e a terra, e sobre as quais os coronéis colombianos são de fulgurante ignorância, a teologia é uma delas. Por isso, meteram na cadeia e depois fusilaram nas selvas da Colômbia o padre de poncho côr de mel, com quem vivi a noite azul de Guayaquil. Era o Padre Camilo Torres.

**Sebastião
Nery**

São Paulo retirou de Minas o título de terra dos bancos. A verdade é que os mineiros, por força da tradição e dos nomes, continuam muito banqueiros.

Um banqueiro chamado Joãozinho

É um velho vício profissional. Chego a qualquer lugar, Santa Cruz do Escalvado ou Paris, mando logo buscar todos os jornais da terra, tranco-me no hotel e dou uma espiada geral. Leio tudo.

A gente sempre sai pisando melhor quando está por dentro das últimas.

Semana passada, vou a Belo Horizonte, abro o *Estado de Minas* (cada Estado tem o *Estado* que pode) e encontro, em página inteira, o *Placar da Preferência Pública* — 1972.

É uma grande enquête popular, um *ibopão* mineiro, realizado pela SIPIL (Sociedade Interamericana de Pesquisas e Informações), com apoio e colaboração de todas as estações de TV,

rádio e jornais. Logo na *Categoria A*, vejo: — “*Banqueiros* — 1o. lugar, João do Nascimento Pires”. É um dado que logo me interessa. Pouco tempo atrás, escrevi alguma coisa, aqui mesmo em POLITIKA, sobre a crise do sistema bancário de Minas (*Porque Minas Perdeu a Guerra*). Procurei mostrar como São Paulo tirou de Minas o título, jamais questionado, de terra dos bancos. Mas a verdade é que Minas continuou a terra dos banqueiros. São Paulo, por força do comando econômico-financeiro-político do País, assumiu a liderança do sistema bancário. Seus banqueiros, porém, ainda se perdem um pouco no anonimato das fusões,

incorporações e conglomerados. Salvam-se dois: Amador Aguiar e Gastão Vidigal. Os outros têm mais ou menos a medida improvisada, amadorista, do doutor Melão. São banqueiros até que se tornem outra coisa. Banqueiro mineiro, não. É coisa de tradição, agarrada à terra como capim novo. Veio de sangue em sangue, adubada em um século de latifúndio bem comportado. Clemente Faria, Magalhães Pinto, Walter Moreira Sales têm sabor de juro no nome. É a vocação sagrada, pela graça de Deus, como o poder de Franco.



Com nome de menino travesso ele se considera bancário. E prefere não ser visto como o banqueiro, pois começou sua vida como contínuo no Lavoura.

Um
banqueiro
chamado
Joãozinho

Joãozinho do Mineiro do Oeste é o maior exemplo de que as modernas teorias da comunicação estão falhando

Pois é. Na terra dos banqueiros, o povo elege **Banqueiro no. um** o João Nascimento Pires, ou melhor, **Joãozinho do Mineiro do Oeste**. Já aqui a gente tem um problema de ordem sociológica da maior importância. É o desmentido total de todas as modernas teorias da comunicação, esta ciência do século XX, espécie de lobisomem das ciências sociais: quer explicar tudo e acaba engolindo a realidade sem digerir.

Querem um exemplo? **Joãozinho do Mineiro do Oeste**. Vou provar:

1. — Não conheço, no País, um banco de nome mais antibancário, mais irreal. O que é que significaria mesmo **Mineiro do Oeste**? Se é mineiro, é mineiro, é do Estado todo, não pode ser **do Oeste**. Se é **do Oeste** não é mineiro, ao menos não é mineiro só, porque cada Estado tem seu oeste. Por muito boa vontade, poderíamos admitir **Banco do Oeste Mineiro**, o que também seria um contra-senso, porque ninguém pode imaginar um banco de negócios estaduais e nacionais prisioneiro de uma camisa-de-vasas tão incômoda.

2. — E Joãozinho? Joãozinho é o famoso garoto-pintão de toda uma literatura maldita, semipornográfica, da juventude brasileira. Quem não já ouviu contar a **última do Joãozinho**?

— Vá para o recreio, Joãozinho, que eu não gosto de criança.

— A gente evita, professora.

Pois Minas, por motivo quem sabe de uma razão telúrica qualquer, fez de um Joãozinho seu mais importante banqueiro, o **Banqueiro de 1972**, eleito numa escolha popular com milhares de votos em centenas de setores e profissões.

Está aí, assim, a negação completa de todas as pernósticas teorias da comunicação. O banco de nome mais anticomunicativo, mais complicado, e o banqueiro conhecido pelo apelido carinhoso do menino-traquinas de todas as escolas do País, são ambos os preferidos da incontestável comunicação popular.



João Nascimento Pires (falando), Nilton Moreira Velloso (primeiro da esquerda), Nivaldo Gomes Soares, Roberto Carlos de Almeida Cunha e Sebastião Sant'Anna e Silva — a diretoria do grupo Mineiro do Oeste.

E não se diga que é apenas nesta enquete mineira. Qualquer pes-

Tudo lá é contra a comunicação

soa, no Rio de Janeiro, que transe com banco, que participe de atividades industriais e comerciais, que cave o asfalto no dia-a-dia da dura selva, sabe que não há, no País, um estabelecimento bancário com tal simpatia, tamanha competência de comunicabilidade e capacidade igual de somar amigos, fazer contatos e abrir contas novas.

Qual o segredo de tudo isso? É o que me meti a tentar explicar, buscando na vida de **Joãozinho do**

Mineiro do Oeste uma resposta tanto quanto possível jornalística. Uma coisa sei, porque dela me convenci. Ele tem cara de tudo, menos de banqueiro. No entanto, os números de seu banco provam que quem vê cara não vê banqueiro. O que, no mínimo, é mais um desmentido, por conta dele, às verdades sagradas da tradicionalíssima tradição mineira.

O HOMEM

Nasceu em 1924, em Peçanha, Minas. 21 de março. Logo, 48 anos. Para presidente de um grupo financeiro de 430 bilhões de depósitos, é Joãozinho demais. Só que carrega nos ombros, talvez por isso já meio encurvados, uma excepcional experiência profissional:

a) Começou contínuo do Banco da Lavoura (hoje Real).

b) Passou para o Banco Nacional de Minas Gerais, onde foi Chefe da Carteira de Redescontos,

Chefe da Carteira de Cobranças e Chefe de Expediente.

c) Em 1954, o Nacional lhe deu a gerência da agência de Carlos Prates, em Belo Horizonte.

d) Em 1957, passou para a agência da Rua da Bahia, a mais importante da cidade. Aí, Joãozinho disparou.

e) Em 1959, passou a dirigir a filial de Belo Horizonte.

f) Em 1961, assumiu o controle do Banco Mineiro do Oeste, pequena instituição financeira que, em 10 anos, ele transformou numa das mais importantes do País.

Advogado pela Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais, costuma dizer que é apenas um bancário. E foi assim, banqueiro com cara de bancário, banqueiro com espírito de bancário, que em 10 anos Joãozinho transformou um pequeno banco em um grupo financeiro dos maiores do País.



Um banqueiro chamado Joãozinho

No Mineiro do Oeste, todos os funcionários são acionistas. Os contínuos principalmente, já que a diretoria vê nisso o maior empenho operacional.

Para os mineiros, um não ao pé do ouvido tem tal força do sim dito no salão

O GRUPO

Ele cita alguns dados com o orgulho natural de quem construiu seu edifício pedra por pedra:

1) — Capital 100% nacional. Não há um tostão de capital estrangeiro. (Estrangeiro mesmo no Mineiro do Oeste só ele, que é de Peçanha, estranho país perdido no leste de Minas).

2) — 82% do capital do banco é de Belo Horizonte.

3) — Em Belo Horizonte; seu banco é o líder absoluto. No Rio, cresce cada vez mais.

4) — Todos os funcionários são acionistas. Os contínuos, inclusive. O quadro financeiro do banco é este:

GRUPO MINEIRO DO OESTE

- 100% — de Capital Nacional
- Banco Comercial
 - Banco de Investimentos
 - Sociedades de Crédito Imobiliário
 - Sociedades de Crédito e Financiamentos
 - Corretoras e Distribuidoras
 - Fundos de Investimentos
 - Fundo Fiscal
 - Empresa de Turismo

CAPITAL..... Cr\$ 90.675.000,00
RESERVAS..... Cr\$ 24.044.577,40
TOTAL..... Cr\$ 114.719.577,40

RECURSOS:

Banco Comercial..... Cr\$ 656.571.260,00
Banco de Investimentos..... Cr\$ 386.605.120,00
Crédito Imobiliário..... Cr\$ 134.207.315,00
Crédito Financiamento..... Cr\$ 27.359.752,00
Fundos..... Cr\$ 45.000.000,00
TOTAL..... Cr\$ 1.249.743.337,00

APLICAÇÕES DO GRUPO..... Cr\$ 1.086.800.775,00

REALIZAÇÕES:

- Financiamento para Obras Públicas Prioritárias do Plano Rodoviário Nacional, atendendo o GRUPO, os maiores empreiteiros nacionais, num montante aproximado de 300 milhões de cruzeiros.
- Financiamentos Habitacionais, num montante de 250 milhões de cruzeiros, correspondendo a 10.000 unidades construídas.
- Financiamentos aos governos Estaduais e Municipais.
- Financiamentos à Pequena e Média Empresas.
- Financiamentos à Agricultura e Pecuária
- Financiamentos ao crédito pessoal e ao consumidor final.
- Promoção e estímulo à Poupança Privada.

FUNCIONÁRIOS DO GRUPO: 2.000

De qualquer maneira, ele falou. Meio solenemente, preocupado com a responsabilidade de suas palavras, procurando mostrar o sentido coletivo de todo o trabalho do grupo.

Principalmente, falou como quem sabe o que quer, e só é Joãozinho na simpatia e na transa humana, porque atrás da mesa somando números e convertendo câmbio, é um senhor João, olhos franzidos e coração competente:

a) — "O Brasil, nos últimos anos, se transformou complementamente, pois novas dimensões foram dadas à nossa economia, novos padrões foram estabelecidos para todas as atividades produtoras. E é ao empresário e ao profissional, responsáveis diretos por essas atividades, que cabe dar a maior parcela para a afirmação do Brasil como uma grande Nação.

b) — A atividade bancária deixou de ser uma ação exclusivamente econômica e financeira; para se transformar também numa atividade social e de prestação de serviços. Um banco já não se impõe mais, no conceito de seus clientes, pelas estatísticas que apresenta, mas sim pela estrutura administrativa que lhe permita oferecer-lhes todo tipo de serviços.

c) — Um banqueiro não é mais o simples depositário das poupanças públicas ou privadas; é, mais do que isto, um orientador das atividades econômicas, financeiras e sociais do País, a quem os governos cada dia atribuem mais tarefas e maiores incumbências. Por isso, não nos compete somente resolver, através dos nossos próprios recursos, os problemas dos nossos clientes, mas nos compete também saber orientá-los para que eles possam desfrutar de todas as possibilidades que o governo vem criando e oferecendo ao povo brasileiro, sobretudo para o homem que queira participar do desenvolvimento nacional.



Um capital totalmente brasileiro

O PAPO

Não é fácil conversar com banqueiro. Sobretudo banqueiro minei-

ro, para quem o tempo fica curto, porque é sagrado atender a cada amigo de um a um. (Para mineiro), conversa em grupo é expediente, não é atenção. Atenção é pôr a mão no ombro e falar ao ouvido. Mesmo que seja um não. Mineiro é tão cioso de seus direitos de amigo, que um não no ouvido é muito mais importante que um sim na sala).

60% das aplicações foram ao financiamento da indústria, já que apenas com um parque industrial a pleno vapor é que seremos desenvolvidos.

**Um
banqueiro
chamado
Joãozinho**

A humildade e a confiança foram sempre as maiores armas

d) — Com humildade e muita confiança na capacidade de realização dos homens o Grupo Mineiro do Oeste procura, de todas as formas, incentivar e apoiar os empresários nos diversos setores da economia e, ao mesmo tempo, oferecer uma parcela de sua contribuição às iniciativas governamentais.

e) — Quando rememoramos estes dez anos de trabalhos, é inevitável sentirmos um certo orgulho do que realizou o Grupo Mineiro do Oeste. São empresas e empresários que, em todas as partes do Brasil, iniciaram sua afrancada com o apoio e o incentivo do Banco ou de suas organizações. E o que nos deixa satisfeitos é ver que a confiança que neles depositamos foi mais que correspondida.

f) — Assim é que, da pequena casa da Rua Curitiba, o Banco Mineiro do Oeste transformou-se num complexo financeiro e elevou, portanto, sua capacidade de apoiar e estimular as iniciativas desenvolvimentistas. São 33 casas operando em 13 Estados, com depósitos de Cr\$ 430 milhões, o que dá uma média de Cr\$ 12 milhões por agência (em 1961 seus depósitos eram de Cr\$ 627 mil, revelando um crescimento de 63.700 por cento nos dez

anos). O capital e reservas do Banco, que naquele ano era de Cr\$ 12 mil, é hoje de Cr\$ 52 milhões, mostrando um aumento de 433.233 por cento.

g) — É a comparação dos números do passado com os do presente que faz com que eu e meus companheiros de equipe nos sintamos orgulhosos, pois atestam a nossa capacidade de trabalho e espírito de realização. Com capital mais reservas das empresas do Grupo representado por Cr\$ 115 milhões (ainda este ano será elevado para Cr\$ 151 milhões); com recursos captados da ordem de Cr\$ 1.250 milhões; e com aplicação de Cr\$ 1.086 milhões penso que conseguimos um bom atestado de eficiência. Além disso, são dois mil funcionários que trabalham não apenas como equipe, mas como uma verdadeira família. Entre eles tenho companheiros que estão comigo desde as primeiras horas.

h) — Este conglomerado financeiro, liderado pelo Banco Mineiro do Oeste, está integrado pelo Banco Mineiro do Oeste de Investimentos S/A, Minas Valores Corretora S/A, Previsa-Previsão S/A Crédito Financiamento e Investimentos, Minas Oeste S/A Crédito Imobiliário, Eco-



E o problema da casa-própria foi visto como prioritário

nomisa-Economia S/A Crédito Imobiliário, Minasval Distribuidora de Títulos e Valores Mobiliários, Turoeste-Turismo Minas Oeste, além do Fundoeste-Fundo Mineiro do Oeste de Investimentos, sob a orientação técnica do Banco Mineiro do Oeste de Investimentos e administrado pela Minas Valores Corretora. O grupo está constituindo também uma empresa de processamento de dados e outra de "leasing", ampliando, assim, a sua faixa de prestação de serviços.

i) — Foi o nosso desejo de participar que levou o grupo a se integrar efetivamente no processo de desenvolvimento do Brasil. Tanto assim, que estivemos presentes em todas as rodovias que se construíram no país, nestes últimos dez anos.

j) — Do total de aplicações somente do Banco Mineiro do Oeste, mais de 60 por cento foram destinadas ao financiamento da industrialização. A atuação do grupo em todas as áreas permite que suas empresas levem financiamentos aos governos estaduais e municipais, à pequena e média empresa, à agricultura e pecuária, ao crédito pessoal e

ao consumidor final, além de exercerem uma forte promoção e estímulo à poupança privada.

k) — Desde o início o grupo acreditou que o problema habitacional brasileiro precisava ser encarado com coragem e o realismo de novas técnicas. Com este comportamento colocamo-nos entre os maiores agentes do BNH e dos mais ativos arrecadadores do FGTS e demais impostos municipais, Estaduais e Federais.

l) — O Brasil possui hoje uma legislação de mercado de capitais das mais complexas do mundo. Combater a inflação dentro de um processo gradualista e, paralelamente, promover o crescimento do produto bruto nacional, nos níveis dos últimos anos, é tarefa difícil de ser realizada sem a complexidade a que nos referimos. Essa complexidade, entretanto, torna-se mais simples para quem procura se enquadrar na era da técnica, do treinamento e do aperfeiçoamento profissional. É este o segredo do sucesso do Grupo Mineiro do Oeste".



**Cecília
Prada**

A Missa Leiga estava liberada pela censura e pela Igreja, e então entrou em cena a TFP com o seu obscurantismo para acabar com uma obra de arte

POLITIKA

21

teatro

EXCOMUNHÃO DA MISSA LEIGA OU O REGRESSO ÀS CATACUMBAS

A "Missa Leiga", atualmente em cartaz no Teatro Leopoldo Fróes, em São Paulo, espetáculo importante e original, está novamente sob ameaça de interdição. Desta vez o pretexto é de que o teatro, em funcionamento há mais de vinte anos, não oferece saídas de incêndio, e que o palco, que também já aguentou o peso de toda a sorte de espetáculos, não oferece de repente mais segurança: sob o peso da Missa, ameaça desabar. Talvez as paredes também se fendam subitamente, não aguentando a magnificência da música de Cláudio Petraglia, da poesia de Chico de Assis, do brilhantismo de direção de Ademar Guerra.

História das mais estranhas e caricatas, a da perseguição a esse espetáculo:

— O homem, advogado e professor universitário, ao que parece, veio avançando magro, teso, seco, na convencionalidade do seu terno escuro e da sua gravata cinzenta. E, de repente, concedeu à sua verticalidade uma prostração súbita, total, histérica: caiu de joelhos diante de Sua Eminência Dom Evaristo Arús, Cardeal de São Paulo.

— Eminência, sou católico fervoroso, chefe de família, pai de cinco filhos. Venho dizer-lhe que prefiro matar-me a ver "A Missa Leiga" encenada na Igreja da Consolação.

O Cardeal, parando o gesto de bênção, numa surpresa:

— Mas meu filho, o senhor leu o texto da "Missa Leiga"?

— Não, Eminência. Não li e nem lerei. Mas sou contra.

Estava mais uma vez em cena, como fator de estagnação e entrave à vida cultural do país, o sinistro grupo de extrema direita representado pelo movimento "Tradição-Família — Propriedade", e pela revista "Hora Presente". É um grupo de pessoas que não conseguiu ainda acreditar nem no Sputnik. Nem na Transamazônica. Nem na ida do homem à Lua. Que consagra dez páginas de sua ridícula revista à "imoralidade do filme Love Story". Que

ataca sistematicamente não apenas todas as Conferências de Bispos, mas o próprio Vaticano II, denegando infatigavelmente a memória do Papa João XXIII. E que defende, em seu número 3, a impunidade absoluta do Esquadrão da Morte.

E se, nas "várias moradas da casa de meu Pai", há a direita festiva e cursilhistas, não podemos deixar de lembrar que, atuante e medieval, aí permanece, sempre, a direita lunática que merece cartas encomiosas dos escritores Octávio de Faria e Diná Silveira de Queiroz, diga-se de passagem.

E então, devido às pressões desse grupo, o espetáculo, que já tinha sido liberado tanto pela censura (10 anos), como pelas autoridades eclesiásticas, foi sustado. A produtora, Rute Escobar, concedeu então a mostrá-lo previamente a quem estivesse interessado. Pessoalmente convidou 70 pessoas do grupo. Apareceram dois e ficaram na porta:

— Viemos apenas para participar dos debates. Agora, ver o espetáculo não veremos não.

No meio do ensaio, um telefonema: o Teatro de Rute Escobar estaria pegando fogo. Era falso. Só para interromper a apresentação.

Proibida de ser levada em igrejas (esquecidas assim e menosprezada a tradição muito católica dos autos medievais, e dos espetáculos que ainda são produzidos em recintos religiosos em todos os países), a "Missa Leiga" teve de se refugiar numa fábrica abandonada — cenário que só lhe conferiu mais grandiosidade e atualidade. E o público começou a afluir, um público heterogêneo e aberto, sem medo, que queria ver antes de julgar; composto de estudantes, padres, freiras, ateus, crentes, cursilhistas ou não-cursilhistas, artistas, dentistas, operários, professores, donas de casa, coronéis. E crianças. A consagração foi unânime: era um espetáculo que nada tinha de sacrílego. Pelo contrário, era o Ritual da Missa visto em toda a sua riqueza e complexidade, pelos olhos de um poeta, não



Dom Evaristo

mais um ritual vazio enrolado em falas de monsenhores asmáticos, não mais uma confortável repetição a serviço da mediocridade, não mais um apoio: um ritual inquietante porque atual, Missa que nos coloca de repente ante a realidade angustiante do mundo de hoje, com sua pesada carga de estrôncio e poluição, massacre de inocentes, repressão, devastação — das profundezas desse mundo o homem clama aos céus, dirige-se a Deus, indaga qual o significado da criação, e qual a sua participação na realidade.

Mas mesmo na fábrica, a Missa, não vista mas condenada pelos teletipistas, continuava a incomodar, na razão direta do seu sucesso. Descobriu-se então que o espetáculo incomodava o sossego das noites familiares defronte da massificante TV, e que naturalmente o local não oferecia segurança.

Transferido para o Leopoldo Fróes, a Missa continuou a sua carreira de perseguição: o mesmo que vem acontecendo à Igreja desde o tempo das catacumbas. Foi lá que tive a oportunidade de vê-la, foi lá que, confesso, chorei — eu, que não sou católico. Terminado o espetáculo fui cumprimentar os atores: e então soube da volta da ronda sinis-

tra, assumindo desta vez — como as várias disfarces da madrasta da Branca de Neve — a forma de engeheiros.

O ardil é óbvio e antigo. Quando morei nos Estados Unidos vi muitas vezes repetida essa descoberta repentina da ausência de saídas de incêndio nas salas que exibiam os filmes de underground de John Mekas, por exemplo. Os mesmos que, mais tarde, depois de valerem ao autor prêmios em Cannes, voltaram triunfantes a Nova York, transformados em glória nacional. O que acontecerá igualmente à "Missa Leiga", dentro em breve. O grupo já foi convidado para Paris e para o Festival de Belgrado. Onde falará eloqüentemente do que se faz atualmente no Brasil em matéria de cultura e de inteligência.

Mas o grupo da direita sinistra não está interessado, ao que parece, em ver exibida no exterior essa imagem do Brasil.

Talvez prefira, já que tão apologeticamente os defende, deixar os membros do Esquadrão da Morte a tarefa de difundir uma imagem positiva de nossa terra.



Getúlio Vargas

Paschoal
Carlos
Magno

LEMBRANÇA DE BERNANOS

Logo após o término da guerra, em pleno êxito de meu romance "Sol sobre as Palmeiras", um senhor me procurava na Embaixada em Londres. Chegara do Brasil, na véspera. Andava apoiado na sua bengala. Tinha cinza nos cabelos e numa de suas mãos um largo chapéu de feltro. Exilara-se no Brasil, voluntariamente. Conhecia-lhe a obra e admirava sua corajosa atitude de pensamento.

Em seis anos de Brasil aprendera a amar nossa gente e amar as cidades onde vivera: Cruz das Almas, Juiz de Fora, Vassouras, Pirapora, Barbacena. O visitante era George Bernanos. Viajava com um de seus filhos. Passaria alguns dias em Londres, preparando-se para voltar à França. Essa volta tinha-lhe um gosto de amargura:

— "A França é a mesma, embora muitos de seus homens tentem destruí-la."

Em Bernanos — durante o jantar que lhe ofereci e nos rápidos encontros que tivemos, havia a constante procura de Deus, e me acusou, sem me respeitar a vaidade e com indiferente ponta de crueldade, que o sucesso de meu livro e o vazio da carreira diplomática faziam-me perder o gosto da meditação: — É preciso não confundir celebridade, que é também dos políticos, dos criminosos, dos jogadores de futebol, com glória autêntica. . . "

O escritor rebelde, polêmico, confidencia-me:

— "Deus não quer ser aceito. Ele quer ser conquistado. É um combate de cada instante, de cada hora, entre Deus e o homem, que foi feito à sua semelhança, mas não poderá suplantá-lo. . . "

PRESENÇA DE ZOLA AMARO

Os brasileiros esqueceram Zola Amaro quando vivia ainda. Estava em plena glória como cantora, de prestígio internacional, quando Austregésilo de Athayde me levou para "O Jornal", onde ensaiaria meus passos como jornalista. Dele recebo uma ordem: entrevistar Zola Amaro, que morava com o marido e os três filhos no Hotel Santa Teresa. No dia seguinte minha entrevista é publicada em meia página. Tinha eu a idade de seus filhos. E Zola Amaro me adotou como se fosse um deles. Não acreditava mais na glória, mas na vida que se lhe tornara mais áspera, mais difícil. Não lhe davam mais contratos. Rondava o Municipal, cujas portas se fechavam mal delas se aproximava. Rondava-o, pois era necessário auxiliar o marido enfermo, manter, educar, amparar os filhos. Suas mãos foram ficando sem anéis. Empenhou, vendeu todas as lembranças dos seus triunfos pelos palcos mais célebres do mundo: medalhas de ouro, comen-

das, estatuetas de bronze, livros com autógrafos ilustres. "Acabarei descalça mas não deixarei de fazer diariamente minhas vocalises. De repente, um contrato chega. . . "

E iluminada de esperança: — "A gente deve estar sempre preparada para sua arte como para sua morte. . . "

O presidente Getúlio nomeou-a para um cargo da censura federal. Durante anos a glória de seu nome surgia assinando a certidão de censura, no começo de cada filme.

— Quem é essa Zola Amaro? — perguntavam no escuro dos cinemas.

— Na certa uma amante do Getúlio. . .

Com esse pequeno ordenado, negando-se a dar aulas de canto, conseguiu educar os filhos, amparar o marido na sua longa doença e enterrá-lo dignamente. Sua filha Maria — linda, lindíssima, iniciava sua carreira cinematográfica quando morreu num desastre de automóvel. O nome de Zola Amaro desapareceu da certidão de censura cinematográfica. Perdera o emprego? Por onde andava? Como vivia? De que vivia?

Acabou dona de uma pensão modesta em Pelotas, cozinhando pratos, alugando quartos, desculpando-se de cobrar aluguéis, ouvindo vulgaridades, grosserias.

Maria Melato — aquela que, depois da Duse, foi um cartaz ambulante da Itália através do mundo — para não morrer de fome, esquecida de todos, quando morreu cuidava de uma casa de pasto à beira da estrada, não distante de Milão. Os turistas, os viajantes despreocupados, os motoristas de caminhão eram servidos por ela que também lhes ouvia palavras cruas, reclamações sem motivo, convites grosseiros. A notícia da morte dessa para quem centenas de escritores traçaram crônicas tão belas como sua voz de intérprete, motivou toda uma série de lamentações na imprensa, rádio, televisão. Uma frase pronunciada no Parlamento Italiano foi repetida em manchete dos jornais. "Perdoa os italianos que te esqueceram ainda viva". . .

Os italianos, ao menos, quando Maria Melato morreu, pediram-lhe perdão porque a haviam esquecido. Conduziram-lhe o caixão pelas ruas de Milão com sinos em funeral, sob uma chuva de flores. "Perdoa-nos porque te esquecemos", murmuravam mulheres e homens chorando. Nunca, porém, os brasileiros pediram ou pedirão perdão a Zola Amaro, nem mesmo depois de morta, porque a esqueceram. . .



CLUBE DE ENGENHARIA

PAINEL SOBRE O DESENVOLVIMENTO BRASILEIRO

EM COMEMORAÇÃO AO SESQUICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

O CLUBE DE ENGENHARIA tem a honra de levar ao conhecimento de seus Associados e aos interessados em geral, a realização, de 6 de junho a 4 de julho próximos, de um PAINEL em que serão feitas nove Conferências versando sobre a participação de nove Ministérios no Processo do Desenvolvimento Nacional.

Em prosseguimento ao programa original, apresentamos a seguir as demais datas das Conferências:

Terça-feira, 13	MINISTRO DAS COMUNICAÇÕES Cel. Hygino Corsetti
Quinta-feira, 15	MINISTRO DO INTERIOR Cel. José Costa Cavalcanti
Terça-feira, 20	MINISTRO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO Dr. Marcus Vinicius Pratini de Moraes
Quinta-feira, 22	MINISTRO DA AGRICULTURA Eng.º Luis Fernando Cirne Lima
Terça-feira, 27	MINISTRO DA EDUCAÇÃO E CULTURA Cel. Jarbas Passarinho
Quinta-feira, 29	MINISTRO DOS TRANSPORTES Cel. Mário David Andreazza
Terça-feira, 4/7	MINISTRO DA FAZENDA Dr. Antônio Delfim Netto

A maioria dos Senhores Ministros já confirmou sua presença. Alguns outros, no entanto, por se acharem, na data, ausentes do País ou presos a compromissos anteriores se farão representar pelo Secretário Geral do respectivo Ministério ou por outro Assessor de elevado gabarito.

Convidamos, em caráter muito cordial, a todos os Associados do Clube de Engenharia e aos interessados em geral para comparecerem a qualquer ou a todas as Conferências. Caso possível, solicitamos a presença dos interessados no mínimo antes da hora aprazada para as conferências, pois pretendemos iniciá-las todas pontualmente às 18:00 h.

A DIRETORIA.

A Editoria

ALCIDES CECHELERO (Av. Silva Jardim, 553 — Curitiba — PR) — "POLITIKA é um jornalzinho e não um jornaleco, com uma imparcialidade incrível. Porém somente para quem entende ou quer entender as coisas e como vivem os brasileiros. Nós aqui, que somos uma capital universitária, estamos numa de horror. O que é fácil de entender. Se for possível, gostaria de ver como manchete da página 23 o seguinte: POLITIKA não é cursilho. Um abraço e a certeza que vocês são um sucesso".

Muito bem, Alcides. Não somos zão nem eco. Pretendemos ser um jornal sério. Apenas isso. Quanto à manchete, não há razão para ela. Apareça e nos conte das coisas. Nós também queremos saber.

Televisão, máquina da distorção

CLÓRIS AUGUSTA OLIVEIRA DA SILVA (Rua General Silva Pessoa, 32 — Rio, GB) — "Vou poupar-lhes os costumeiros elogios. Asseguro, apenas, que depois de me perguntar muitas vezes para onde?, surgiu POLITIKA como num estalo. Quem sabe se além do korreio, teremos um dia uma bankada, onde cada um que tivesse um assunto, uma preocupação, uma ansiedade ou, até mesmo, um aplauso — tudo no campo do interesse público — pudesse ali encontrar a crítica, o apoio ou o repúdio? Enquanto essa bankada livre não vem, abuso do korreio pedindo tolerância se me alongar. Não preciso me apresentar. Sou apenas uma mulher comum de prendas domésticas — é preciso alguém mudar, urgente, isso! — que cria seus filhos. Estou inquieta porque sinto uma acomodação, um deixa pra lá, que chega a ser convicção. Ou será que estou superestimando um probleminha sem importância? Tive muita vontade de protestar, não sei para quê, nem para onde, quando começou a famigerada caça às bruxas na televisão. Mas fiquei com uma vontade incrível de protestar. E dizia, cá com as minhas panelas, será que ninguém liga? Ninguém se incomoda? Se bem que Bornay não faça meu gênero, também não perco tempo com Sílvia Santos e Chacrinha. Simplesmente pelo fato de nenhum deles me agradar a ponto de ligar a televisão para vê-los. Dai sabê-los — Bornay e os da sua linha — caçados como coisas proibidas e impedidos de aparecer na televisão é coisa que me deixa um profundo mal-estar. Hoje são eles os caçados pelos seus gestos afeminados, suas atitudes vacilantes. Amanhã, outros motivos em outras pessoas servirão para outros cerceamentos, outras proibições. Para onde vai tudo isso? Assisti a um filme O Jardim dos Finzi Contini, que mostra aonde conduz essa passividade diante das primeiras repressões. Ainda pensei que valia a pena escrever para protestar: afinal, os meus filhos serão menos prejudicados assistindo ao Denner do que seus próprios filhos. Ai comecei a pensar nas novelas. Aqui em casa as crianças não têm o hábito de ver novelas, mas existe esse tal de horário permitido, onde as novelas ditas

água-com-açúcar têm total aprovação. São novelas consideradas próprias e, às vezes, até recomendadas para menores! E desse direito elas não abriram mão: querem ver as novelas das sete horas da TV-Globo — a empresa que defende a moral da família brasileira. E eu consenti, aliás, democraticamente. E é comum, às vezes, eu assisti-las também. Então, eles acompanharam, nesses dois ou três anos, todas as novelas desse horário. Se alguém quiser ir além da análise de que nesse horário ninguém mata ninguém, nem tem atitudes duvidosas e nem faz as chamadas cenas fortes de amor, pode perceber claramente várias coisas que considero tão ou mais perniciosas do que as anteriores: (1) intrigas, dissimulações e falsidades. Minha Doce Namorada, apesar do nome, tinha tudo isso, inclusive a dita namorada que descobre um estelionato e acaba forjando outro. É a apologia da mentira. Tudo na novela foi calcado em mentira. (2) as mães. A mãe de novela da Globo — não recebemos, onde moramos, a imagem da Tupi, não sei como são as mães de novela dessa televisão — é sempre canalha. Não se assustem: o termo é exatamente esse. Quando não é canalha é limitada mental. Repassem, por favor, desde Pigmalão-70, passando por Próxima Atração, Minha Doce Namorada e, agora, culminando com o Primeiro Amor, onde existe a mãe canalha em todo o seu esplendor e mais uma sucessão de jovens mau-caráter, onde a filha chama a mãe de chantagista entre uma desobediência e um bater de porta na cara. É um tratado de incompreensão e intolerância. Mesmo assim, entre revoltada e alarmada, não me encorajava a comentar com alguém o que penso de tudo isso. Mas agora foi demais. Foi, como dizem meus filhos, dose para elefante grávido. Vejam o que publica, uma das nossas ilustres educadoras, em O Globo: a deputada Lygia Lessa Bastos requeceu à Mesa da Assembleia Legislativa, para que conste da Ata dos trabalhos daquela Casa, um voto de congratulações com os responsáveis pelo sucesso que está alcançando a novela Primeiro Amor, apresentada pela TV-Globo. Queria muito saber a opinião de POLITIKA sobre o assunto. E, por favor,

digam que estou vendo fantasmas".

Infelizmente, dona Clóris, a senhora não vê fantasmas. A gente, como a senhora tem visto, não se cansa de falar das coisas da televisão. E, de novo infelizmente, não há a quem recorrer. É uma parada. Quanto à bankada livre, não poderemos fazer, pelos menos já, uma vez que existe uma goteira incômoda, que poderia manchar os originais e os leitores não iriam gostar, o que ocasionaria problemas para a gente. A senhora entende, não? Mas pode continuar a nos escrever e publicaremos, sempre que for possível. A senhora parece uma mulher esclarecida e conhecedora dos problemas que são enfrentados, atualmente. Logo, gostaríamos de conhecer sua opinião sobre outros problemas, que certamente seriam tão bem enfocados quanto este sobre as televisões. Até a próxima.

EDUARDO LIBONNATTI (São Paulo — SP) — Parabéns magnífico trabalho jornalístico referente ex-presidente Jânio Quadros".

Ora, Eduardo, apenas fizemos justiça à cultura de Jânio.

LUÍS AUGUSTO HORTA (São Paulo — SP) — "Leitor constante, desejo felicitar Sebastião Nery reportagem ex-presidente Jânio Quadros".

A mesma coisa, Luís Augusto. O Nery agradece a constância.

EDMILSON SILVA COSTA (Casa do Estudante Universitário do Maranhão — São Luís — Maranhão) — "Estou novamente perturbando a paciência de vocês. Desta vez, não é para pedir números atrasados de POLITIKA, mas para sugerir uma reportagem-análise sobre o ensino brasileiro, principalmente no campo universitário. Anexo, vai o nosso jornaleco, Cafuné, daqui da Faculdade. Por causa deles, nós já fomos visitados duas vezes. É a velha história... Queríamos trocar opiniões com o pessoal que faz o jornal Puk-Puk, da Faculdade de Comunicações do Rio Grande do Sul. Um abraço."

Edmilson, vamos estudar o problema da reportagem. Quanto ao pessoal do Puk-Puk, fica aí o aviso. Um abraço e apareça sempre.

FRANCISCO GONÇALVES (Rio de Janeiro — GB) — "Acabo de ler o artigo

do Oliveira Harisson intitulado Independência — O Brasil esqueceu seus mártires. Título, aliás, muito sugestivo e que merecia uma melhor matéria, mais completa e feita com inteligência, mais informações, segundo o esquema do jornalismo moderno. Não com a injusta investidura que o articulista deu ao príncipe Bragança, que, diga-se de passagem, foi nada mais nada menos que o avô daquela grande Bragantina e talvez a maior das mulheres que já nasceram neste solo. Sim, a princesa Isabel, que o sr. Harisson talvez desconheça, é da família daqueles colonizadores. Bem, deixemos isso para outro papo... O que é aterrador é que o sr. Harisson evidentemente entrou no mesmo esquema da imprensa sesquicentenária — esqueceu os mártires do Brasil para expor idéias parciais e até irreverentes e, sobretudo, injustas ao personagem que deu a independência ao Brasil. Acredito que o Oliveira Harisson nunca leu nada sobre esse libertador para desfazê-lo tanto. Acredito mais ainda que não sabe nada sobre Frei Cane-

ca, padre Miguelinho, Tenório, Romas, Domingos Jorge Martins e os outros".

Olha, Francisco, a gente não publicou sua carta na íntegra por uma porção de razões. A principal é a seguinte: o Oliveira Harisson é professor de História do Brasil no Pedro II, o que já lhe garante o direito de escrever sobre a matéria. Ademais, você andou confundindo uma série de coisas, misturando as estações. Quando quiser escrever, contestando um articulista, procure conhecer a matéria, a fim de não dar foras como esse. Um abraço.

FERNANDO AZAMBUJA (Rua Marquês de Pombal, 917 — Porto Alegre — RS) — "Há alguns meses escrevi pedindo que me remetessem alguns exemplares atrasados do POLITIKA. Semana passada recebi, gentilmente, o número 21. No entanto, além deste, tinha pedido também os exemplares 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 10. Assim, renovo o pedido".

Os jornais seguiram, Azambuja. Um abraço.

ASSINE POLITIKA

Nome:
Rua:
Bairro:
Distrito:
Município:
Estado: CEP:

Desejo ser assinante de POLITIKA por um ano. Para tanto, estou enviando, juntamente com este, Cr\$ 120,00, por meio de cheque visado pagável no Rio de Janeiro ou vale postal, emitidos em nome de PONTO PROMOÇÕES LTDA., rua Alvaro Alvim, 21 — 26. andar — sala 205 — telefone: 232-7821 — Rio — GB.

E O FORNO CREMATÓRIO



EDI-TORA LTDA.

Diretora
PHILOMENA GEBRAN
Direção e Redação
Av. Rio Branco, 133 - Gr. 1601
Tel.: 232-1981 - Rio - GB

Departamento Comercial
(Publicidade e Assinaturas)
EPITÁCIO CAÓ
Ponto Promoções Ltda.
Rua Álvaro Alvim, 21 - Gr. 205
Tel.: 232-7821 - Rio - GB

POLITIKA

Diretores
OLIVEIRA BASTOS
SEBASTIÃO NERY
Gerente
ENÉAS RESQUE
Editor
JORGE FRANÇA
Editor-Assistente
MURY LYDIA
Arte
ANTÔNIO CALEGARI

Humor
FRITZ
CALICUT

Relações Públicas
WALTER PENELUC

Correspondentes
Brasília - MURILO MARROQUIM
Paris - VILLELA NETO

São Paulo
PAULO PEREIRA
Rua das Flores, 27 - Gr. 25
Tel. 33-4210

Porto Alegre
RUI SILVA DE CARVALHO
Rua Miguel Tostes, 924, Gr. 101
Fone: 23-1754
Fortaleza
DÁRIO MACEDO
Av. Duque de Caxias, 823
sala 301 - Fone: 21-7046
Distribuição
(exclusiva em todo o Brasil)
FERNANDO CHINAGLIA
DISTRIBUIDORA S/A
Rua Teodoro da Silva, 907